
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CAROLINE POLIDO

**RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA:
(IM)POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO**



Rio Claro
2017

CAROLINE POLIDO

RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: (IM)POSSIBILIDADES DE
APROXIMAÇÃO

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Débora Cristina Fonseca

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro para obtenção do grau
de Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro
2017

370.193 Polido, Caroline
P766r Relação família-escola: (im)possibilidades de aproximação
/ Caroline Polido. - Rio Claro, 2017
82 f. : il., figs., gráfs., quadros

Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientador: Débora Cristina Fonseca

1. Sociologia educacional. 2. Escola. 3. Família. 4.
Participação. I. Título.

Dedico à todas as pessoas que acreditam e lutam pela educação de nosso país.

AGRADECIMENTOS

Considerando esta monografia como resultado de uma caminhada ao longo da minha graduação, agradecer pode não ser tarefa fácil, nem justa. Para não correr o risco da injustiça, agradeço de antemão a todos que de alguma forma contribuíram para a construção de quem sou hoje.

Agradeço especialmente à Deus, pelo dom da vida e por iluminar meu caminho durante esta caminhada. Agradeço aos meus pais, Midian e Milton, minha irmã Camila e toda minha família pelos incentivos e apoios constantes que depositaram em mim. Amo vocês!

Ao Kalel, por todo carinho, compreensão e capacidade de me tranquilizar durante a correria dos semestres e estar sempre me incentivando a continuar e ser uma pessoa melhor. Não tenho como demonstrar o quanto sou grata!

Às minhas amigas de graduação, Ana Carolina, Júlia, Jeniffer e Juliana, por todos os trabalhos realizados em grupos, pelo convívio, pelo apoio e pela compreensão ao longo dos quatro anos de graduação. Sem vocês essa etapa da minha vida seria muito mais difícil! Às minhas amigas do Grupo de Pesquisa, Tamyres, Cláudia, Lisi, Priscila, Débora e Juliana pelos conhecimentos compartilhados e amizade cultivada. Obrigada por sempre me ajudarem e serem acolhedoras de uma maneira inexplicável.

À minha professora Débora por toda paciência, dedicação e orientação durante os anos de supervisão na Iniciação Científica e neste Trabalho de Conclusão de Curso. Minha gratidão e admiração eternas.

Aos membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Participação Democrática e Direitos Humanos – GEPEPDH, pelos ricos momentos de socialização do conhecimento. Aos membros do Grupo de Pesquisa Educação, Jovens e Violência – JOVEDUQ, por todas as reflexões que tanto contribuíram para minha formação. Por fim, mas não menos importante, à todas as escolas que abriram as portas para a realização desta pesquisa, assim como todos os professores e familiares que corroboraram para o resultado desse estudo.

“Não basta, entretanto, ter presente a necessidade de participação da população na escola. É preciso verificar em que condições essa participação pode tornar-se realidade”.

Vitor Henrique Paro

RESUMO

Este trabalho de pesquisa teve como foco a relação escola-família. Buscou-se compreender e analisar práticas de professores que possuem uma boa relação com os pais, procurando compreender de que forma isto acontece. Investigou-se quais práticas, na visão de professores e pais, tem aproximado e/ou distanciado às famílias da escola. Tratou-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que se utilizou de dois instrumentos de coleta de dados, sendo questionários e entrevistas semi-estruturadas. Em um primeiro momento, analisamos as práticas relatadas pelos professores, selecionando alguns professores que apresentaram vínculos positivos com as famílias ou uma visão negativa desta relação para aprofundarmos através de entrevistas. Posteriormente, foi realizado o contato com os pais, através do(a) professor(a) para aplicação de um questionário. Buscou-se analisar a relação escola-família, também na visão da família. Dessa maneira, o resultado desse estudo pode oferecer subsídios para pensar em práticas que integram e promovem a participação da família, fazendo da experiência educacional um ensino significativo e prazeroso.

Palavras-chave: Escola. Família. Participação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 OBJETIVOS DA PESQUISA	10
2.1 Objetivo geral	10
2.2 Objetivos específicos	10
3 A FAMÍLIA E ESCOLA	11
4 METODOLOGIA	14
5 CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS	19
6 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	24
6.1 CATEGORIA 1 – A VISÃO DOS DOCENTES	26
6.1.1 Avaliação da Relação Família-Escola	26
6.1.2 Dificuldades, estereótipos e preconceitos	28
6.1.3 Dinâmica das Reuniões com as famílias: (im)possibilidades	31
6.1.3.1 Motivos da não participação	40
6.1.3.2 Culpabilização da família	45
6.1.4 Experiências positivas e práticas diferenciadas	47
6.2 CATEGORIA 2 – A VISÃO DA FAMÍLIA	58
6.2.1 Avaliação da Relação Família-Escola	59
6.2.2 Dinâmica das Reuniões com as famílias: (im)possibilidades	62
6.2.2.1 Motivos da não participação	64
6.2.2.2 Autoculpabilização da família	65
6.2.3 Análise socioeconômica das famílias	66
7 AS CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA	70
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
9 REFERÊNCIAS	80
APÊNDICES	
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Professores	
APÊNDICE B - Questionário para Professores	
APÊNDICE C - Entrevista com Professores	
APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Família	
APÊNDICE E – Questionário para Família	
APÊNDICE F – Questionário socioeconômico para Família	

1 INTRODUÇÃO

A busca de respostas às questões envolvendo escola-família no âmbito educacional e a compreensão da relação entre a instituição e os familiares se faz cada vez mais presente e necessária. Esta relação interfere e afeta o desenvolvimento de crianças e adolescentes em sua integralidade. Mas para nosso ponto de partida, devemos refletir de que família é essa que estamos falando.

Devemos pensar quem fala em nome desse sujeito coletivo, como se organizam e de que forma isto ocorre. Romanelli (2013) ressalta que é necessário levar em conta a composição da família, a eventual ausência do pai e a presença de avós cada dia com mais intensidade no contexto escolar.

De uma perspectiva que se diria crítica em relação ao trabalho com as famílias, é preciso basicamente tomá-las como um espaço a ser cuidado, sujeito de direitos, e não um objeto; um instrumento para diminuir conflitos resultantes das carências não-atendidas. Isso significa reconhecer que as transformações societárias levaram à construção, hoje, de uma família fragilizada e vulnerável, com menos capacidade de enfrentar as situações cotidianas (WANDERLEY; OLIVEIRA, 2004, p. 16).

O desafio da escola nos dias atuais, muito além de garantir o acesso à vaga, se refere à instituição conhecer a comunidade onde se situa. Segundo Spozati (2000, p.27)

É preciso examinar esse múltiplo de relações de várias formas, quer do ponto de vista da síntese da cultura existente, quer da possível difusão da cultura da cidadania. Trata-se da relação entre a escola e dinâmica do território onde ela se situa. Considerada como um espaço de um ethos, a escola é construção da memória local, construção da cidadania. Somos cidadãos de um lugar. Insisto em afirmar que se desconhece o lugar onde se vive.

Devemos compreender o que acontece no âmbito escolar e analisar as relações existentes, bem como de que forma, e se está sendo realizada essa aproximação da família com a instituição. Além disso, buscar compreender a família como fator preponderante para o processo ensino-aprendizagem que merece atenção e relevância no trabalho docente.

A escola e seus profissionais, todavia, parecem apresentar dificuldades de reconhecer a criança existente em cada aluno, o que aponta para a necessidade

de um conhecimento mais amplo da realidade desses sujeitos. Deve-se considerar a criança em seu contexto social e histórico, em sua realidade, não destituindo sua identidade, que é construída quando e como o outro o (re)conhece.

As escolas esperam alunos, e o que recebem são sujeitos de múltiplas trajetórias e experiências de mundo, muitas delas oriundas de redes de relacionamentos produzidas nos novos espaços-tempos da internet, dos mercados de consumo, de grupos culturais juvenis ou intergeracionais, de grupos religiosos e de culturas criativas e periféricas. São muitos os jovens aprisionados no espaço e no tempo – presos em seus bairros periféricos e com enormes dificuldades para articularem projetos de vida. Sujeitos que, por diferentes razões, têm pouca experiência de circulação pela cidade e se beneficiam pouco ou quase nada das atividades e das redes culturais públicas ofertadas em espaços centrais e mercantilizados de nossas cidades (DAYRELL, J; CARRANO, P. 2014, p. 127).

É necessário pensar no que a escola possivelmente faz para aproximar estas famílias para dentro do cotidiano escolar e de que forma isto se dá no dia-a-dia. Segundo Batista; Carvalho-Silva (2013), não se trata de “educar” as famílias para aumentar suas vontades e aspirações, pois elas são grandes, e também grandes são seus esforços. Trata-se da escola torná-los visíveis, de fazer essa família compreender sua lógica, a fim de acolhê-los e potencializá-los.

[...] os discursos de agentes escolares – especialmente professores, coordenadores pedagógicos e diretores –, que retratam uma omissão das famílias de meios populares, sobretudo das mais pobres e moradoras dos territórios mais vulneráveis, em relação à escolarização de seus filhos. Essa suposta omissão ou desinteresse estaria baseada na reduzida presença dos pais, particularmente das mães, na vida escolar das crianças – nas reuniões de pais e mestres, no acompanhamento dos deveres de casa e do caderno do aluno, na inculcação de bons hábitos e de regras de civilidade, além do respeito ao professor e do valor à escola e à educação, na exigência de um bom desempenho ou, em suma, em toda uma ação educativa familiar que complementaria o trabalho educativo da escola ou que mesmo, para alguns, seria uma de suas condições. (BATISTA; CARVALHO-SILVA, 2013, p. 14)

Dessa maneira, buscando investigar quais práticas, na visão de professores e pais, tem aproximado e/ou distanciado às famílias da escola, a pesquisa de natureza qualitativa foi dividida em três etapas. Na primeira etapa, utilizamos questionários para que os professores pudessem relatar suas experiências, opiniões e sentimentos relacionados à relação escola- família. Na segunda etapa da pesquisa, analisamos as práticas relatadas nos questionários pelos

professores, selecionando práticas positivas que nos mostraram um vínculo e participação das famílias com a instituição para entrevista individual. Na terceira etapa, entramos em contato com os pais, através do(a) professor(a) e analisamos a relação escola-família, também na visão da família por meio de questionários. Também buscamos compreender a realidade socioeconômica das famílias pelas escolas envolvidas na pesquisa através de questionários socioeconômicos.

É necessário pensar neste momento o que chamaremos de práticas positivas. No decorrer deste trabalho, denominaremos de práticas positivas as ações utilizadas pelos professores que de alguma forma indiquem a criação de vínculo destes professores com as famílias, possibilitando assim uma participação da mesma no processo de escolarização. Serão consideradas positivas ações que nos faça compreender a realidade destas famílias, e que possibilitem o envolvimento e integração destas com as atividades desenvolvidas pela instituição. Buscaremos analisar ações que dialoguem com as famílias além da Reunião de Pais e Mestres e/ou outras para as famílias que não podem comparecer por diversos motivos que adentraremos ao decorrer deste trabalho.

Romanelli (2013) aponta que devemos conhecer a criança em sua cultura, com seus conhecimentos e necessidades de diálogo entre elas e a escola. Destaca ainda a educação como algo mais do que é a escola, não se podendo ignorar o contexto social em que se situa. Conhecer o processo de escolarização dessas famílias é relevante para se apropriar do modo como atuam e, de certa forma, ampliar os entendimentos sobre suas relações com a escola. É necessário que a escola conheça o bairro onde está situada, que conheça a família de seus alunos e possa os acolher, ajudando-os sobre seus direitos e deveres.

A pesquisa se justifica, por sua relevância para compreensão das relações existentes entre escola e família e de que forma isso implica no processo de ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes, evidenciando se as propostas desenvolvidas pelos professores de fato se dão na prática e de que forma aproxima e/ou distancia a família da instituição, colaborando para que o desenvolvimento integral das crianças se efetive.

Ao término, o resultado dessa pesquisa poderá nos mostrar quais práticas aproximam a família e a escola na visão dos professores e na visão das famílias,

mostrando o que coincide e quais são as diferenças em ambas as falas. Esta pesquisa poderá fornecer subsídios para que possíveis práticas positivas possam ser adotadas ou (re)pensadas buscando acolher e trazer a família para dentro da escola, mostrando que sua importância e sua participação é fundamental e necessária.

A efetiva participação da família que se envolve, não só em questões administrativas, mas contribui pedagogicamente para a construção de uma escola cidadã onde a participação da comunidade é o ponto chave para o sucesso de todos, está diretamente ligada ao aprendizado de seus filhos (SILVA, 2010, p.27).

2 OBJETIVOS DA PESQUISA

2.1 Objetivo geral:

- Investigar quais práticas, na visão de professores e pais, têm aproximado e/ou distanciado as famílias da escola.

2.2 Objetivos específicos:

- Analisar quais fatores levam as famílias cada vez mais para longe das escolas.
- Investigar a visão dos professores e pais e compreender como se dá o desenvolvimento da Reunião de Pais e Mestres.
- Evidenciar quais práticas têm ajudado e/ou dificultado a escola a estabelecer vínculos com as famílias e estimulado sua participação no contexto escolar.
- Compreender a realidade socioeconômica das famílias.

3 A FAMÍLIA E ESCOLA

Com o intuito de pensar e fundamentar sobre o referente assunto tratado no decorrer deste trabalho, realizou-se um levantamento bibliográfico na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Portal de Periódicos da CAPES/MEC considerando como palavras-chave nos títulos: escola e família. Foram encontrados 195 trabalhos ao todo, mas apenas 30 se relacionam e contribuem com o tema proposto. Dos arquivos selecionados, é válido socializar alguns destes para nos ajudar a pensar sobre a relação família-escola, refletindo a relevância da pesquisa, evidenciando o que já existe na literatura e o que ainda necessita aprofundar para se pensar o acolhimento e participação das famílias na instituição e no âmbito escolar como um todo.

Neste estudo, buscaremos observar a relação entre o objeto apresentado, no caso a instituição escola, e a forma como o sujeito se relaciona com ela e a percebe, no caso a família. Para subsidiar esta análise, na busca de apreender os sentidos e significados construídos por professores e familiares sobre a relação família-escola, nos apoiaremos em autores como Vigotski (1934/2001, p. 465), que entende sentidos como: “[...] a soma de todos os fatos psicológicos que uma palavra desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada”. O sentido pessoal ou o sentido subjetivo é resultante da interação que existe entre o homem e o mundo, ou seja, o sentido é produzido nas práticas sociais.

Em um primeiro momento, devemos pensar na dificuldade existente da escola compreender a realidade das famílias por ela atendida. É imprescindível que os agentes escolares tenham uma visão cuidadosa e cautelosa, questionando quem é esta família e de onde ela vem.

[...] os agentes escolares, sobretudo os professores, enfrentam reais dificuldades com a ampliação do acesso e com o ingresso de crianças das camadas populares na escola, pois estão, em geral, despreparados para lidar com esse público. Uma das formas de interpretar essas dificuldades é atribuí-las às crianças mesmas e a suas famílias: por um lado, elas teriam deficiências cognitivas e linguísticas; por outro – e é o que nos interessa particularmente aqui – seus pais seriam desinteressados ou omissos em relação à escola, bem como adotariam estilos educativos limitados, que

necessitariam ser enriquecidos a fim de assegurar um percurso escolar bem- sucedido. (BATISTA; CARVALHO-SILVA, 2013, p. 14)

Segundo Batista; Carvalho-Silva (2013) os educadores tendem a tomar como universais suas expectativas em matéria de comportamento, de atitudes e de relação com o saber e com a escola. Dessa forma, esperam que as famílias das camadas populares sejam as mesmas das classes favorecidas, tomadas como universais pela instituição. Não encontrando tais disposições e atitudes, interpretam um modo de relação diferente com a escola como desvalorização da instituição e desinteresse pela escolarização, mesmo que de fato isso não aconteça.

Vê-se, por exemplo, um jogo de empurra em que os alunos culpam a escola e os professores pelas dificuldades que têm na aprendizagem, e os educadores culpam os alunos e os pais pelos pobres resultados nas avaliações. Os envolvidos nessa dinâmica não se percebem como agentes desse processo em que a culpa é sempre do outro. Não compreendem, inclusive, que a cada um deles é atribuída e legitimada socialmente uma responsabilidade diante da educação de crianças e jovens, alunos ou filhos (SOUZA et al, 2013, p. 61).

Os pais e a escola parecem não falar a mesma linguagem, e tampouco objetivar as mesmas coisas e/ou possuir os mesmos desejos. E por que isso se dá? Parece que a escola não abre caminho para o diálogo necessário com os pais a fim de compreender os seus motivos e necessidades (SOUZA et al, 2013, p. 59).

O que o não atendimento a essas expectativas provoca na relação escola-família? Pensamos que pode residir, nessa questão, uma das causas dos conflitos que persistem na relação escola-família, pois há uma desconexão entre o que é esperado pelos pais e o que a escola realmente oferece (SOUZA et al, 2013, p.59).

Segundo Oliveira e Marinho-Araújo (2010)

A comunicação entre escola e família passa pela intermediação da criança, sendo esta comunicação aparentemente de mão única, por haver pouco espaço institucional para a manifestação das famílias. A ação das famílias é limitada e determinada de acordo com os interesses da escola (p. 104).

Para nos ajudar a pensar sobre o conhecimento da cultura do local onde se vive, Spozati (2000) nos diz que o enriquecimento do processo escolar na busca do não-fracasso e do sucesso requer que a escola desenvolva conhecimento

aprofundado da cultura local e das condições efetivas da vida das crianças. Este conhecimento da cultura deve ser capaz de estimular o cognitivo dos alunos a desenvolver um projeto de sociedade, tomando a cultura como prática social, alimentada por dispositivos pedagógicos.

[...] o que se observa pelos noticiários e sobretudo pelo que se presencia nas escolas é que muito pouco se tem avançado sobre esta problemática: sobram queixas de ambos os lados e faltam ações efetivas em direção ao que tem sido preconizado como um caminho para a melhoria da qualidade da educação: a parceria escola-famílias (SOUZA et al, 2013, p. 56).

Segundo Bertan (2005), a escola e a família formam um binômio cujo resultado deve ser a construção do cidadão. Ambas devem ser parceiras e trabalhar juntas, tendo como objetivo o pleno desenvolvimento da criança em período integral.

Acima de tudo a escola deve estar atenta para abrir canais de participação que permitam às famílias uma retomada de sua autoestima, uma valorização de suas opiniões e ações junto ao ambiente escolar. Como vimos, uma parceria não se faz em cima de cobranças e exigências que muitas vezes não são possíveis de serem cumpridas. Oportunizar a participação da família é dar a ela a vez e a voz para a construção de uma escola melhor para todos (SILVA, 2010, p.30).

4 METODOLOGIA

O referente trabalho desenvolvido foi uma pesquisa de natureza qualitativa, sendo que para a efetivação dos objetivos propostos, dentro do escopo de metodologias atreladas a este tipo de abordagem, utilizamos como instrumentos de coleta de dados o questionário e a entrevista semi- estruturada, conforme será explicitado adiante.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa tem início por antropólogos e sociólogos no século XIX, impulsionada pelos problemas sociais na época. No campo da educação, a pesquisa de natureza qualitativa se amplia em 1980, devido à necessidade de estender a compreensão de temáticas mais complexas nesta área. É importante ressaltar que a pesquisa qualitativa possui o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental no processo.

Visando à compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados. O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente: não são reduzidos a variáveis, mas observados como um todo (GODOY, 1995, p. 62).

Através da pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995), os pesquisadores tentam entender os fenômenos a partir da visão e perspectivas dos participantes. Leva-se em conta os pontos de vistas, esclarecendo situações internas que possam ser invisíveis para quem está de fora.

Pádua (1998) compreende que quando se quer apreender a dinâmica de um processo, a abordagem qualitativa é indicada, pois a mesma se preocupa com o significado dos fenômenos e processos sociais, considerando as motivações, crenças, valores, representações sociais, que permeiam a rede de relações sociais.

Minayo (2010) define o método qualitativo como:

[...] o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Embora já tenham sido usadas para estudos de

aglomerados de grandes dimensões (IBGE, 1976; Parga Nina et.al 1985), as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos (MINAYO, 2010, p. 57).

Minayo (2010) aponta que este tipo de método procura desvelar processos sociais que ainda são poucos conhecidos e que pertencem a grupos particulares, sendo seu intuito e objetivo final, proporcionar a construção ou revisão de abordagens, categorias e conceitos sobre o que está sendo estudado.

Com base nestes autores e considerando o enfoque na pesquisa feita, como anteriormente visto, optou-se pela pesquisa de natureza qualitativa. Dessa forma, pensou-se a relação família-escola a partir dos questionários respondidos por professores que lecionam do 1º ao 5º ano (Fundamental I) da Rede Municipal de Ensino de Rio Claro, interior de São Paulo, selecionando seis escolas da rede. A escolha destas escolas, dentre as 25 Escolas Municipais que possuem professores de Ensino Fundamental I, se deu por serem escolas de diferentes bairros, localizadas em diferentes áreas da cidade de Rio Claro. Em um primeiro momento, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), com o objetivo de garantir o direito de quem vai ser pesquisado, pois teve como participante o ser humano em sua totalidade. A pesquisa somente foi iniciada depois da aprovação pelo Comitê de Ética. Após aprovação do CEP, as escolas foram convidadas a participar da pesquisa, garantidas de esclarecimento, antes e durante o curso da pesquisa, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer ou não na mesma, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida.

No horário de HTPC das escolas que aceitaram participar da pesquisa, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (*APÊNDICE A*), com o objetivo de proporcionar o entendimento completo do projeto e de suas implicações para os participantes da pesquisa, justificando objetivos e procedimentos que seriam realizados, assim como informando aos professores participantes sobre a garantia de sua privacidade, sigilo, anonimato e sua liberdade de desistência ao decorrer da pesquisa. É válido ressaltar que a escola aceitando participar da pesquisa, não garantiu a participação de todos os professores que ali lecionam, possuindo cada um deles a livre escolha de ter

aderido ou não à pesquisa.

Após a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi entregue o questionário (*APÊNDICE B*) para que os professores relatassem de que forma realizam o contato com os pais e como se dá, na prática, esta relação. Buscou-se compreender como é realizado e estabelecido o vínculo e, o que tem aproximado e/ou distanciado a família da escola na visão dos professores.

Segundo Ribeiro (2008) o questionário possibilita e possui como vantagens: questões objetivas de fácil pontuação, deixa em aberto o tempo para as pessoas pensarem sobre as respostas, promove a facilidade de conversão dos dados para os arquivos de computador e possibilita ao pesquisador um custo razoável.

Gil (1999) acrescenta ainda que dentre as vantagens do questionário sobre as demais técnicas de coleta de dados, podemos observar que o mesmo possibilita atingir grande número de pessoas e não expõe os entrevistados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do pesquisador.

Dentre os pontos negativos da técnica, o autor pontua o impedimento do auxílio ao informante quando este não entende corretamente as perguntas; impede o conhecimento das circunstâncias em que foi respondido, o que é relevante na avaliação da qualidade das respostas; envolve geralmente um número relativamente pequeno de perguntas, visto que questionários muito extensos apresentam alta probabilidade de não serem respondidos e proporciona resultados bastante críticos em relação à objetividade, pois os itens podem ter significados diferentes para cada sujeito pesquisado.

Em um segundo momento, analisamos os questionários respondidos pelos professores, buscando selecionar as práticas que contribuíram mostrando um vínculo com as famílias e/ou que demonstraram um distanciamento com as mesmas, selecionando os professores para entrevista (*APÊNDICE C*). A entrevista com os professores teve como propósito aprofundar as propostas diferenciadas encontradas no questionário, buscando compreender como foi realizado e estabelecido este vínculo e o que tem aproximado ou distanciado a família da escola na visão dos professores.

Segundo Manzini (1990/1991), dentre as vantagens de usar as entrevistas, nós temos: captura de respostas mais precisas, pois a expressão do participante da entrevista pode ser analisada; captura de reações às perguntas feitas; não requer que a pessoa seja alfabetizada; oferece flexibilidade para o pesquisador esclarecer, repetir ou adaptar perguntas; aumenta a probabilidade de que as pessoas participem.

Na entrevista semi-estruturada, segundo Manzini (1990/1991), a resposta não está condicionada a uma padronização de alternativas como em uma entrevista de dinâmica rígida, mas focalizada em um objetivo com perguntas principais, que podem ser complementadas por outras questões ao decorrer das circunstâncias e dúvidas que podem surgir no momento da coleta de dados. A entrevista semi-estruturada pode ser considerada como um processo de interação social, que acontece entre o pesquisador e o entrevistado, sendo uma importante ferramenta que possibilitará o estudo em pauta.

Minayo (1993) aponta e justifica que a entrevista semi-estruturada é realizada quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado assunto, segundo a visão do entrevistado, além de obter um maior detalhamento do assunto em estudo. Ela é utilizada geralmente na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos.

Após essa fase do processo, através destes professores, entramos em contato com a família, apresentando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (*APÊNDICE D*) e, convidamo-as a participar da pesquisa. Fizemos o uso de questionários (*APÊNDICE E*), para que dessa forma, podessemos mostrar a visão da família neste processo e como na visão das mesmas, essas propostas diferenciadas às aproximam ou não da instituição, colaborando para que o desenvolvimento integral das crianças se efetive. Além disso, buscamos compreender a realidade socioeconômica das famílias por cada escola envolvida na pesquisa a partir de questionários socioeconômicos (*APÊNDICE F*).

É de suma importância e relevância que os pais e as famílias também fossem ouvidos na pesquisa realizada, pois pesquisar a relação escola-família

somente da visão institucional não nos mostra uma visão da totalidade e não dá possibilidade de fala para que estas famílias de fato se expressem e participem. Segundo Batista; Carvalho-Silva (2013) se, por um lado, as famílias das camadas mais pobres tendem a conhecer pouco o funcionamento da instituição escolar, possivelmente não são ouvidas e chegam a ser invisíveis às escolas. As escolas não tem como dar conta de todas as demandas sociais das famílias, mas podem acolher estes pais para orientá-los e ajudá-los à corroboração da escolarização.

Após a coleta dos dados, estes foram organizados e analisados, seguindo a proposta de análise de conteúdo, conforme Bardin (2009) definindo que enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. As três etapas preconizadas por Bardin (2006) referem-se à pré-análise; a exploração do material e ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A etapa de pré-análise é a fase em que se organiza o material a ser analisado com o intuito de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais. Refere-se à organização por meio da leitura flutuante, que é momento em que começamos a conhecer o texto; pela escolha dos documentos, que consiste na demarcação do que será analisado; pela formulação das hipóteses e dos objetivos e pela referenciação dos índices e elaboração de indicadores, determinando por meio de recortes de texto nos documentos de análise (Bardin, 2006).

A segunda fase que consiste na exploração do material refere-se na exploração do material com a definição de categorias, ou seja, os sistemas de codificação e a identificação das unidades de registro e das unidades de contexto nos documentos. Esta etapa é fundamental pois possibilita ou não a riqueza das interpretações e inferências. (Bardin, 2006).

A terceira fase se refere ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esta etapa é destinada ao tratamento dos resultados, acontecendo a condensação e o destaque das informações para análise. É o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (Bardin, 2006). As diferentes fases da análise de conteúdo propostas pela autora, destacam-se pelas dimensões da codificação e categorização que possibilitam e facilitam as interpretações e as inferências.

5 CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS

As seis (6) escolas envolvidas na pesquisa da Rede Municipal de Ensino de Rio Claro, interior de São Paulo, foram escolhidas dentre as vinte e cinco (25) Escolas Municipais que possuem professores de Ensino Fundamental I por serem escolas de diferentes bairros, localizadas em diferentes áreas da cidade de Rio Claro, como mostra a figura a seguir.

Figura 1 – Mapa da cidade com localização das escolas



Fonte: elaborado pela autora.

Buscaremos descrever brevemente o bairro onde cada escola está situada e algumas características de cada uma delas para que possamos ter informações básicas do contexto em que estão inseridas.

ESCOLA A

A escola A está localizada no bairro de pequeno porte no município de Rio Claro. Ao seu redor, possui alguns comércios como bancos, bares, mercados e farmácia, além de inúmeras residências. De acordo com o projeto político pedagógico da escola, a mesma realiza duas reuniões avaliativas ao decorrer do

ano. Uma delas envolvendo todos os profissionais da escola (equipe de gestão, professores e funcionários) a fim de fazer uma avaliação do cumprimento das metas estabelecidas no PPP (verificar o que aconteceu no ano anterior), com previsão para traçar ações para o Plano Anual da escola (ano letivo); e outra reunião envolvendo os segmentos da comunidade escolar (profissionais da escola), os familiares dos alunos e também a comunidade do entorno a fim de apresentar o resultado do que foi sistematizado na reunião anterior, na unidade escolar.

A recepção na Escola A foi muito acolhedora e prazerosa. O diretor, com quem já havia marcado horário anteriormente, após a minha explicação da pesquisa, tira algumas dúvidas sobre o andamento/desenvolvimento da pesquisa e de como ela será realizada, demonstrando interesse e aceita participar da mesma. Logo após, conversamos com a coordenadora pedagógica para marcamos o htpc para realização da primeira fase da pesquisa, que também foi muito receptiva. A primeira fase da pesquisa, realizada em um htpc dos professores, foi marcada para 03/04, às 18h50.

ESCOLA B

A escola B está localizada em um bairro periférico da zona norte do município de Rio Claro. Além dos discentes do próprio bairro, atende também os de bairros adjacentes e distantes como é o caso dos alunos que freqüentam a EJA, segundo o projeto político pedagógico da escola. A escola atende atualmente um total de 458 (quatrocentos e cinquenta e oito) alunos. No período diurno, a escola oferece o Ensino Fundamental I, atendendo crianças com idade entre seis e dez anos. No período noturno, a escola é freqüentada por alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A recepção na Escola B foi muito acolhedora e prazerosa. A diretora buscou compreender e entender o que eu realmente queria pesquisar, e a primeira fase da pesquisa, realizada em um htpc dos professores, foi marcada para 27/03, às 17h45. Ela ressalta que os professores nessa escola são bem resistentes, e que a adesão e aceitação em participar da pesquisa poderia ser um pouco difícil.

ESCOLA C

A escola C se encontra no bairro de grande porte no município de Rio Claro, atendendo alunos do ensino fundamental I. Segundo o projeto político pedagógico, a

escola é composta em sua maioria por alunos vindos de bairros periféricos que dependem do transporte escolar para locomoção. Segundo o documento, o atendimento à comunidade e a seleção de alunos é feito a partir de um levantamento sócio econômico, onde os pais respondem informando as condições da família e desta maneira é feita a seleção. A escola pontua que as famílias atendidas pertencem a classe C (salário mensal entre R\$ 1064,00 e R\$ 4591,00) e classe D (salário mensal entre R\$ 768,00 e R\$ 1064,00), que residem em casa de alvenaria, próprias e alugadas, com água encanada, luz elétrica, algumas com telefone residencial e grande parte com celular. O presente documento fornece a informação das profissões dos pais e/ou responsáveis e relata que, aproximadamente, 80% trabalham em indústrias, são pedreiros, ajudantes de pedreiros, empregada doméstica, balconista, diarista, entre outros. É válido ressaltar que o documento relata que devido ao horário de trabalho de grande parte dos pais, as reuniões são prejudicadas, pois os responsáveis não podem comparecer.

Logo de início, a recepção na Escola C foi muito acolhedora e prazerosa. A diretora, antes de dizer que aceitava participar da pesquisa, consultou sua coordenadora e ambas nos disseram que aceitavam participar. A primeira fase da pesquisa, realizada em um htpc dos professores, foi marcada para 23/03, às 17h45.

ESCOLA D

Atualmente a escola atende o ensino fundamental de 9 anos, sendo que este é dividido em dois ciclos: ciclo I (1º, 2º e 3º anos) e ciclo II (4º e 5º anos). A escola encontra-se em um bairro de porte médio, próximo ao centro da cidade. Sua localização é considerada estratégica, sendo a escola procurada por muitos alunos que são de bairros mais distantes, porém de fácil acesso.

Até 1995, quando a maioria dos alunos era oriunda do próprio bairro ou de bairros vizinhos, a escola alcançava índices de 90% de participação efetiva dos pais na instituição. Porém, após a reorganização escolar, essa participação diminuiu cerca de 14%. Contudo, segundo o projeto político pedagógico de 2011, a comunidade já não é tão atuante quanto era antigamente devido ao crescimento do comércio, o envelhecimento do bairro e a entrada da mulher no mercado de trabalho. Desse modo, atualmente a escola atende muitos alunos oriundos de

bairros vizinhos e mais distantes, que utilizam ônibus e vans escolares como meio de transporte, fazendo com que a frequência dos pais na escola diminua.

A recepção na Escola D foi muito acolhedora e prazerosa. A diretora, com quem já havia marcado horário anteriormente, após a minha explicação da pesquisa, relata que fez sua pós-graduação neste tema e que a necessidade de se estudar a relação escola-família é importantíssima. Em conversa informal, relata que é muito difícil trazer os pais à escola, e que tem dificuldade em fazer isso. A primeira fase da pesquisa, realizada em um htpc dos professores, foi marcada para 20/03, às 17h45.

ESCOLA E

A escola E está localizada no centro do município de Rio Claro. Ao redor da escola existem praças, principais agências bancárias da cidade e grandes comércios. É possível notar no projeto político pedagógico da escola que a equipe escolar aponta para a dificuldade em estabelecer uma relação com a comunidade. Ainda que o documento preconize e destaque a importância da integração escola-família, percebe-se que a escola tem dificuldades neste quesito.

A recepção na Escola E foi, também, muito prazerosa. A coordenadora buscou compreender e entender o que eu realmente queria pesquisar, e disse que iria conversar com a diretora, e me informaria pelo telefone. No dia seguinte, ao telefone, ela relatou que a escola aceitou participar e marcou a primeira fase da pesquisa, realizada em um htpc dos professores, para 11/04, às 17h45.

ESCOLA F

A escola F está localizada em um bairro periférico da cidade. Em seu entorno, possui muitos comércios, um cemitério e ginásio de esportes. O contato prévio com a escola foi realizado no dia 27/03 com a diretora por telefone, que me informou que eu deveria conversar com a coordenadora pedagógica, pois ela era quem cuidava dos HTPCs. O convite pessoalmente foi realizado no dia 29/03 pela manhã. A recepção na escola F foi um tanto receosa. A coordenadora, após a minha explicação da pesquisa, tira algumas dúvidas sobre o andamento e diz que meu projeto de pesquisa era muito difícil e desafiador, pois trabalhar com os professores em HTPC é desanimador, visto que eles têm muita resistência e não gostam de participar. Relata que chegou a comentar com eles sobre a pesquisa no HTPC

anterior, e alguns disseram que não iriam responder nada.

Diz que no HTPC, muitos professores já estão cansados por terem trabalhado em dois períodos, então não querem responder perguntas, só querem ouvir e ver alguma coisa. Eu explico que as perguntas são simples, rápidas e que não teriam que dispor de mais tempo do que o HTPC e o HTPI para entrevista. Ela diz que eles tem preguiça e muitas vezes querem ir embora logo. A coordenadora ainda diz que não pode obrigá-los a participar, e eu disse que essa não era a intenção pois estava fazendo um convite.

6 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

O quadro a seguir visa mostrar o envolvimento dos professores com a pesquisa em cada escola pesquisada. A princípio, o número de escolas definido seriam 5 (cinco), mas visto que nas duas primeiras escolas que contatamos o envolvimento e participação dos professores foi baixo; e devido a duas escolas previamente selecionadas não aceitarem participar da pesquisa resolvemos ampliar o número de escolas envolvidas, totalizando 6 (seis) escolas.

É válido lembrar que não eram todos os professores que lecionavam no Ensino Fundamental I nas escolas envolvidas na pesquisa que estavam presentes no dia da coleta de dados da primeira fase da pesquisa. Alguns faziam o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) em outros dias da semana, o que dificultou previamente o acesso à esses professores. Ao todo, quarenta e sete (47) professores das seis (6) escolas envolvidas na pesquisa, aceitaram participar da mesma. Destes, selecionamos oito (8) professores das diferentes escolas para a realização da entrevista, buscando aprofundar os dados obtidos.

Quadro 1 – Envolvimento dos professores com a pesquisa

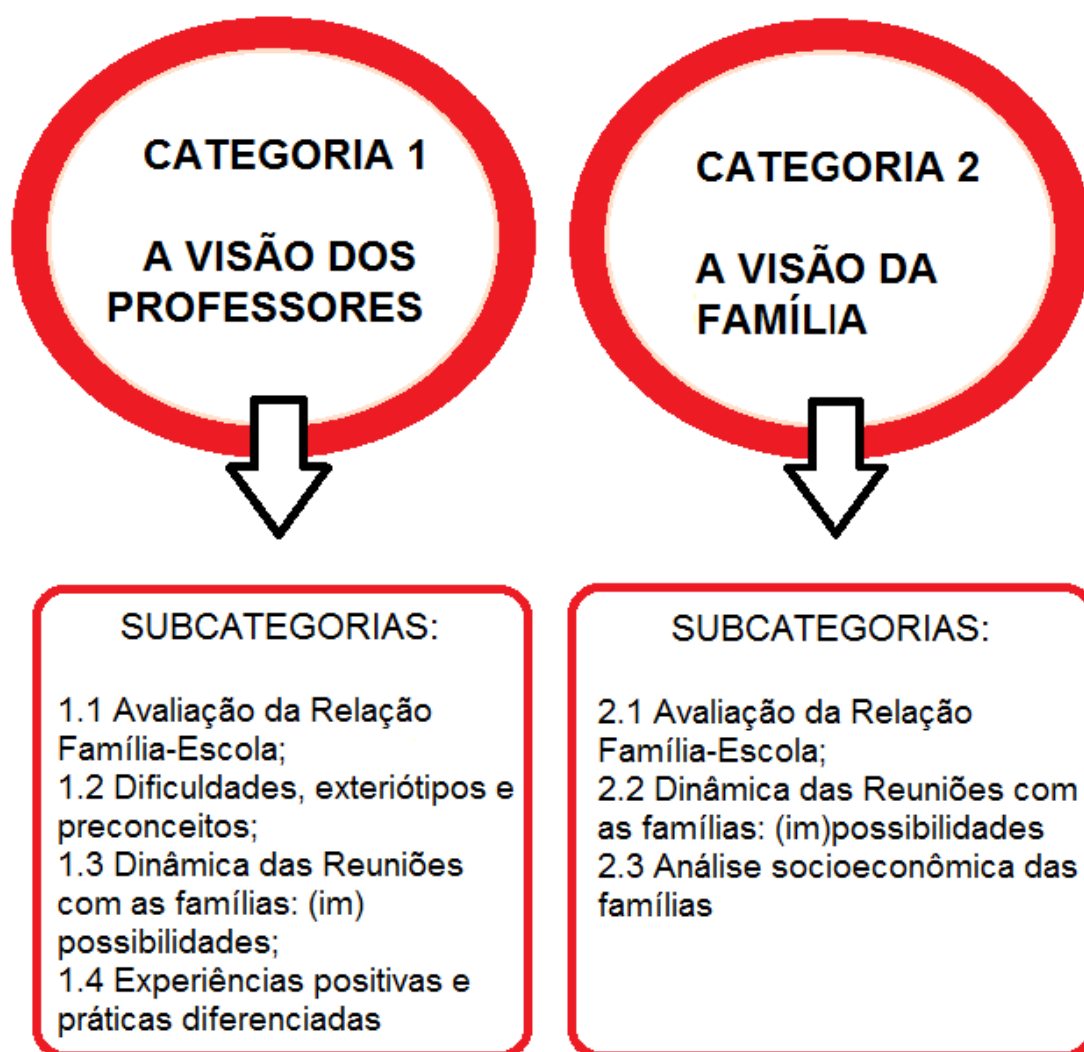
	Total de professores que lecionam no Fundamental I	Professores presentes no HTPC	Professores que aceitaram participar da pesquisa
ESCOLA A	18	16	7
ESCOLA B	24	19	14
ESCOLA C	24	21	2
ESCOLA D	28	21	5
ESCOLA E	23	20	9
ESCOLA F	19	17	10

Fonte: elaborado pela autora.

Após a organização das informações obtidas e coletadas, houve necessidade de retornar aos referenciais teóricos para compreender e definir as categorias de análise, com base no que mais significativo emergiu nos dados. Definimos duas categorias sendo elas: a visão dos professores e a visão da família. A princípio, o

nome definido a categoria 2 seria a visão dos pais, mas ao decorrer da análise observamos que não são somente mães e pais que frequentam as reuniões escolares das crianças, sendo também participativos tios, avós, irmã(o)s, entre outros. É importante ressaltar que essas categorias não foram definidas à priori, mas no processo exploratório dos dados. Passamos a apresentar essas categorias no quadro abaixo, indicando as informações que foram tratadas em cada uma delas:

Figura 2: Categorias de Análise



Fonte: elaborado pela autora.

Estas categorias se apresentaram relevantes às questões desta pesquisa, tendo em vista que possibilitam apreender o processo de coleta de dados e o entendimento da relação escola-família com suas dificuldades e possibilidades para o desenvolvimento integral das crianças.

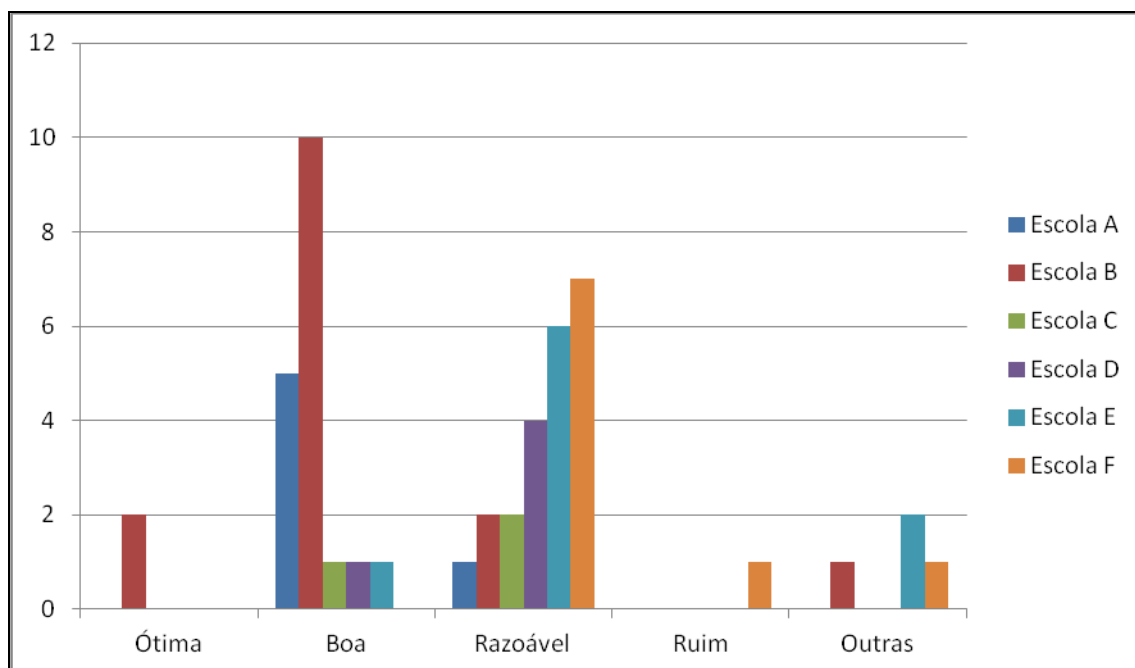
6.1 CATEGORIA 1 – A VISÃO DOS DOCENTES

A primeira categoria tem como foco a visão dos professores sobre a relação escola-família. Para tanto, apresentaremos informações sobre a primeira fase da pesquisa, o momento do HTPC para aplicação dos questionários e analisaremos os dados obtidos nos mesmos, considerando a visão destes docentes. Buscamos analisar ainda nesta categoria os dados obtidos nas entrevistas realizadas na segunda fase da pesquisa. Ao todo, foram realizadas 8 entrevistas com o objetivo de aprofundar os dados de alguns professores que seriam significativos para esse estudo. É válido ressaltar que inicialmente buscávamos apenas práticas positivas que mostrassem algum vínculo ou sentimento de acolhimento das famílias para este trabalho, mas no decorrer da pesquisa, observamos a importância de analisar também práticas que distanciam os pais da escola e o quão necessário seria ouvir o que os professores e os pais dizem sobre essa não participação e não aproximação da família.

É significativo informar que os professores receberam a orientação de que poderiam marcar mais de uma opção nas questões, se julgassem necessário e, poderiam deixar de responder alguma questão caso sentissem algum desconforto, conforme previsto no TCLE (APÊNDICE A).

6.1.1 Avaliação da Relação Família-Escola

Ao perguntarmos para os professores como eles classificariam a relação família-escola no âmbito educacional, obtivemos 34 respostas nas seis escolas envolvidas na pesquisa. Poucos professores (4,3%) acreditam que a relação família-escola é ótima, visto que as famílias participam bastante em diversos aspectos. Grande parte dos professores (38,3%) consideram que a relação é boa, pois as famílias participam da Reunião de Pais e eventos promovidos pela escola. A maioria dos professores (46,8%), no entanto, pontuam a relação como razoável, pois os familiares vem até a escola apenas quando são solicitados. Poucos professores (2,1%) consideram a relação ruim, pois justificam que as famílias não participam. Alguns professores (8,5%) ressaltam que teriam outras classificações, mas não descreveram quais seriam.

Gráfico 1 – Classificação da relação família-escola

Fonte: elaborado pela autora.

Observa-se que, geralmente no discurso cotidiano das escolas, ouve-se que a família nunca participa da escola, mas no entanto, quando perguntamos e pedimos aos professores da Rede Municipal para que classifiquem a relação da família com a escola, uma minoria (2,1%) classifica a relação como ruim, dizendo que os pais não participam. A maioria dos professores (46,8%) pontuam a relação como razoável pois a família participa da Reunião de Pais e eventos promovidos pela escola, ou seja, possivelmente esta família participe da Reunião de Pais mas esta reunião não atinja todos os pais, seja pelo horário de realização ou, como observamos em uma das falas dos professores em entrevista, se a família não se sentir acolhida e não se sentir parte daquele ambiente, é difícil que ela retorne:

“[...] Então o interessante é você convidar mesmo essa pessoa pra vir, aí você tem que ir conquistando essa pessoa pra que ela volte em outros encontros. E é totalmente afetivo. Se você começar a dialogar com esse pai, se ele sentir acolhimento, ele passa a vir assim... sem você chamar.” (Prof. 6, Escola D)

Cabe a escola oportunizar momentos para que essa relação de acolhimento seja realmente efetiva, acolha, e que veja as famílias como suas parceiras no

processo de aprendizagem e escolarização das crianças.

6.1.2 Dificuldades, estereótipos e preconceitos

O que pareceu comum na fala dos professores de diferentes escolas foi em relação as dificuldades que a burocracia impõe no cotidiano do trabalho docente.

“O mais difícil hoje eu diria que é a burocracia. Então, a gente precisa pensar em desburocratizar o ensino, porque dessa forma a gente tá fazendo uma escola cheia de papéis e vazia de experiências. Porque o tempo que eu tenho pra programar as atividades com os meus alunos, eu passo preenchendo papel, relatórios, registros, então lidar com essa parte burocrática da qual nem sempre, e eu diria que na maioria das vezes, não revela o que há de mais interessante, o que há de melhor na profissão. Porque o papel ele aceita tudo, a gente também tem um limite de linhas e de espaços onde você pode escrever. As minhas crianças, nenhuma cabe naquelas dez linhas do meu relatório descritivo. Nenhuma delas.” (Prof. 1, Escola A)

“E pra mim, pessoalmente, eu odeio a parte burocrática. Não me vem com aquela folha, aquelas fichas cheias de quadradinho, que eu acho que aquilo não significa nada. Nada pra aprendizagem da criança. Eu acho que um relatório assim, mais conciso, as maneiras de nós avaliarmos e registrarmos isso poderiam ser mais concisas. E eu acho que esses registros todos são extremamente burocráticos. É ficha disso, relatório daquilo, é caderno não sei do que, tarará, então essa parte burocrática, eu tendo duas salas, você imagina o trabalho que eu tenho. Então eu acabo ficando falha nisso, falha naquilo, meio sobrecarregada nisso.” (Prof. 4, Escola B)

Ainda em relação as dificuldades, podemos ver a fala da professora 3, que relata não ter nenhuma.

“O mais difícil, ah... eu ainda não encontrei o mais difícil (Risadas). Eu acho que está dando tudo certo. Quando a gente faz com amor, com dedicação, eu acho que as coisas passam. Os mais complicados acaba passando e a gente leva, consegue arrumar tudo com nosso jeitinho. Então eu não achei nada muito difícil ainda. (Risadas)” (Prof. 3, Escola B)

No entanto, de acordo com os registros do diário de campo, vemos que:

“Caminhamos até a sala dos professores, onde seria realizada a entrevista. No caminho, uma inspetora pede para que a professora mande os nomes de sua sala que vão precisar do reforço. Ela olha para mim e diz “ah, é pro atendimento dos alunos que tem ‘defeito’” e ri, se referindo aos alunos com dificuldades de aprendizagem, déficits, etc.” (Diário de Campo, maio/2017)

Ou seja, podemos ver que essa professora mantém um discurso de que não há dificuldades, de que realiza sua profissão com amor, mas se refere aos alunos com dificuldades de aprendizagem como alunos que possuem defeitos. Mais uma vez evidenciamos a contradição entre discursos e práticas, como uma forma de alienação no processo. Esse fato pode nos indicar como a professora estabelece relações com seus alunos, ou como os enxerga no cotidiano de sua sala de aula. Provavelmente, este mesmo tipo de preconceito pode se estender para as famílias das crianças que considera com “defeito”.

Também observamos que em algumas escolas (Escola B, Escola F) das quais atendem alunos de bairros periféricos e que estão em situação de vulnerabilidade social, certos professores parecem estigmatizar a criança pelo que o pai ou a mãe faz fora da escola. No caso da professora 8, por exemplo, vemos no relato encontrado no diário de campo que a ela parecia saber que o pai da criança estava envolvido com o tráfico de drogas e, dessa maneira, pergunta várias vezes para a criança no que o pai estava trabalhando, reforçando as perguntas de maneira desconfortável.

“Relata que perguntou para a criança ‘com o que seu pai trabalha?’ e ele disse ‘não sei no que meu pai trabalha’, mas que ela sabe que o pai dele é traficante. Disse que o pai dele não podia vir na escola porque estava trabalhando e dessa maneira, ela perguntou ‘mas onde seu pai trabalha?’ pra ver o que ele iria falar, e a criança respondeu que ‘não sabe onde o pai trabalha’. Outra criança disse ‘ele não trabalha na cerâmica?’ e a criança respondeu ‘Não, meu pai saiu de lá’. A professora relata que isso é complicado, que tomara que a criança não saiba mesmo o que o pai faz porque ‘do jeito que ele é’, se soubesse, ficaria pior.” (Diário de campo, maio/2017)

Vemos que isso também acontece em outras escolas, como podemos observar na fala da professora 2. No entanto, a professora ressalva que não se deve limitar e rotular a criança pelo que o pai pode ter sido ou pode ser, e que esse pai merece respeito, independente do que faça fora da escola. Ainda ressalta a extrema importância de dar oportunidades para as crianças menos favorecidas, e ainda mais oportunidades para estas, promovendo a equidade.

“Que nem aqui, nós temos pais que bebem, pais que não trabalham, pai que vende drogas, mas isso não cabe a nós. O que cabe a mim é fazer com que a minha criança seja diferente, até mesmo do pai dela. Mas pra isso, eu vou ter que respeitar o pai dela pra ter essa criança e essa família comigo. Então acho que essa visão precisa ser mudada dentro da educação. Porque muitas vezes vem aí, e eu vejo isso, vem aí um pai mal vestido, jeitão de ‘mano’, pronto! Rotulam a criança e aquela criança fica, sabe? Porque ela vai ser isso. Ela não vai ser isso. Então isso é muito triste. Então isso é importante e entra na família, não é porque ela é daquela família que eu tenho que rotular que ela vai ser... não, eu tenho que dar oportunidades igual. Até mais talvez. Até mais, eu acredito...” (Prof. 2, Escola B)

Assim como essa visão deve ser mudada dentro da educação, vemos que a professora 6 fala sobre a falta de diálogo e de trabalho em equipe existentes dentro da escola pública nos dias de hoje.

“É, cada um age de um jeito na escola pública. Eu sinto muita, muita... (Pensando) Como eu posso dizer? O trabalho com o coletivo é muito complicado. E ainda tem escolas que são mais estanques, essa aqui por exemplo, é cada um na sua ilha.” (Prof. 6, Escola D)

A professora relata que realiza inúmeras tentativas, mas não observa essas tentativas no coletivo, pois cada professor age de um jeito em uma mesma escola. Ainda diz:

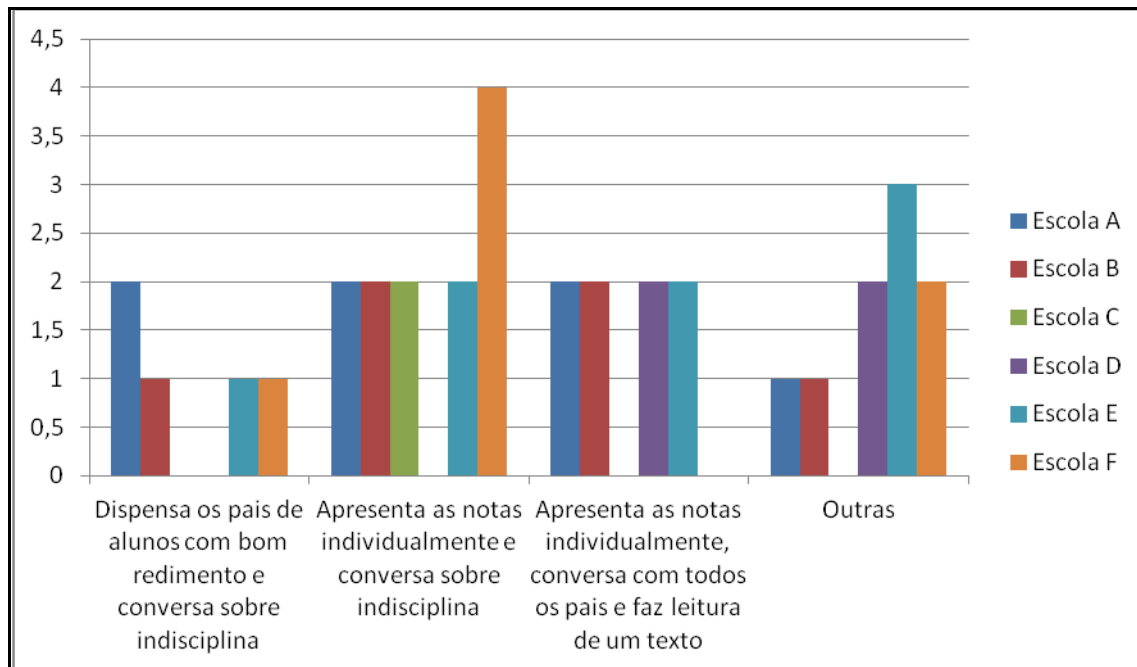
“Mas que eu estou bastante assim, eu olho nas crianças tem hora que eu falo ‘nossa, elas sobrevivem a tudo isso’, essa falta de sequência, essa falta de

acolhimento, essa falta de profissional adequado pra lidar com ela, né... isso é o serviço público, infelizmente.” (Prof. 6, Escola D)

6.1.3 Dinâmica das Reuniões com as famílias: (im)possibilidades

Ao buscarmos analisar como se dá o desenvolvimento da Reunião de Pais nas escolas envolvidas, obtivemos 53 respostas. Poucos professores (14,7%) relatam que em suas reuniões apresentam o desempenho dos alunos (notas), dispensam os pais de alunos com bom rendimento e conversam com os pais dos alunos sobre indisciplinas. A maioria dos professores (35,3%) dizem que apresentam o desempenho dos alunos (notas) individualmente e conversa com todos os pais sobre as indisciplinas, sem citar nomes. Alguns professores (23,5%) pontuam que apresentam o desempenho dos alunos (notas) individualmente, conversam com todos os pais sobre as indisciplinas, sem citar nomes e, propõe a leitura de algum texto para promover uma conversa formativa.

Gráfico 2 – Desenvolvimento da Reunião de Pais



Fonte: elaborado pela autora.

Outros professores (26,5%) colocam que realizam as reuniões de outras formas, dentre elas se destacam:

Escola B: *“Nas reuniões, explico sobre meu trabalho, quais objetivos já foram alcançados e o rendimento dos alunos em relatórios e não em notas. Casos de indisciplina trato em particular, exceto ocorrências que envolvem a todos.”*

Escola B: *“Falamos sobre como e qual é a proposta pedagógica, o trabalho desenvolvido, uma geral das aprendizagens. Casos pontuais, marcamos para conversa.”*

Escola D: *“Apresento por meio de tabulação o desempenho geral da turma, em momento algum é citado nomes de alunos. O diálogo ocorre mediante as leis que regem o ensino.”*

Destacamos o quão importante é a não exposição dos alunos com notas ruins e/ou disciplinas na Reunião de Pais, para a superação de conflitos e estigmatização dos alunos. Alguns professores destacam no momento da entrevista algumas situações que presenciaram em suas salas:

“Esse aluno ele merece, mas na reunião de pais né, que é o que a gente tá colocando aqui, então vem essa mãe e aí você fala: ‘Nossa, o Joãozinho ele tá ótimo, ele é incrível, não me dá trabalho em nada, fofo, adoro ele, olha as notas!’”. E aí, tá a mãe da Maria lá no fundo que já olhou e já viu que a situação é terrível. É difícil. Eu procuro deixar pro final, só que daí é ser humano né, então aquela que já está um pavão, né? Porque ela recebeu todos os elogios do mundo do filho dela, ela dá aquela olhadinha pra outra que tá sentada ali, que vai ficar ali até o final. Já comenta com a outra, isso a gente já percebe. Já faz assim, um sinal ‘olha, essa daí vai ficar aí, tá com problema’. Porque as crianças também comentam em casa ‘ah, fulano não faz lição, fulano foi mal na prova, fulano não sabe tal coisa.’ Eles comentam. Eu acho que a gente tinha que repensar essa configuração de reunião de pais, talvez fazer essa coletiva pros recados mais gerais mas eu não sei, institucionalizar alguma coisa mais individual. Um contato mais individual, sabe? Com esses pais assim, pra não expor tanto. Porque eu não acho legal, não acho legal.” (Prof. 1, Escola A)

“Porque você imagina uma reunião em que o meu filho é só, é só ouvir reclamação, na próxima reunião eu não venho porque eu vou morrer de vergonha. E a outra ‘Ah, mas olha que linda, olha que lindinha... o caderno da Mariazinha é lindo. Gente, que letra!’ ‘O outro menino, olha como ele é...’ Jamais. A mãe vai se sentir inferiorizada.” (Prof. 4, Escola B)

A professora 1 relata que já teve este tipo de atitude, que desenvolveu a reunião expondo seus alunos, no início de sua docência:

“[...] Antes eu falava por inexperiência, falava dos pontos negativos e aí o pai saía daqui com um caminhão de coisas na cabeça, e aí na próxima ele também não sabe se quer vir pra ouvir aquilo de novo.” (Prof. 1, Escola A)

É interessante ressaltar o apontamento de uma professora para uma reconfiguração dos espaços de encontro com pais (a Reunião de Pais, por exemplo). Uma reconfiguração, talvez aos olhos dessa professora, seria tornar esse ambiente mais agradável. O que acontece em alguns casos, como vimos nas primeiras questões apresentadas, é de que alguns professores apresentam o desempenho dos alunos (notas), dispensam os pais de alunos com bom rendimento e conversam com os pais dos alunos sobre indisciplinas (quando há casos de indisciplinas). Essa forma de organização da Reunião de Pais pode trazer certo constrangimento aos pais dos alunos que ficam nas salas para ouvirem reclamações de seus filhos, vendo os pais dos alunos com bom rendimento indo embora. Esse desconforto/constrangimento pensamos ser desnecessário, podendo ser evitado, principalmente se a proposta for a aproximação dos pais com a escola e o melhor acompanhamento dos alunos. Ainda, do ponto de vista legal, esse tipo de constrangimento, direta e ou indiretamente focado no aluno, é enfrentado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

A professora 6 destaca que a maneira como os professores apresentam o desempenho e as notas dos alunos influencia a participação e o envolvimento dos pais. E ainda destaca:

“Porque eu sempre falo do desenvolvimento geral da sala e já deixo muito bem claro assim, as crianças... aí eu coloco lá “6 crianças estão em um processo que requer um cuidado diante da alfabetização, mas com esses pais nós já conversamos. Eu já conversei, todos os pais já sabem, já foram encaminhados, ou desses falta conversar com apenas um”. (Prof. 6, Escola D)

No entanto, ao observarmos a Reunião de Pais (Diário de Campo), quando

uma mãe pergunta para a professora sobre o desempenho do filho e/ou se ela tem alguma reclamação para fazer, pois precisa ir em outra reunião, a professora, sem perceber, fala “não tenho nenhuma reclamação, ele é perfeito... uma criança que tem muita ética”. Minutos depois, quando outra mãe pede informações pois precisava ir em outra reunião, a professora diz que seria interessante que a mãe viesse conversar depois. Dessa maneira, mesmo não falando abertamente, todos os pais possivelmente entenderam que aquela criança teria algum problema, seja de comportamento ou de aprendizagem. A professora parece não perceber a contradição entre seu discurso e sua prática.

Segundo Lane, Codo (1984), “no plano ideológico, o indivíduo pode se tornar consciente ao detectar as contradições entre as representações e suas atividades desempenhadas na produção de sua vida material.” (LANE; CODO, 1984, p. 41). A forma como a professora falou expôs a mãe, reproduzindo a prática que ela anteriormente afirmava que não fazia em suas reuniões. Dessa maneira, possivelmente a professora não tem consciência sobre o seu próprio ato, sobre sua ação, e não consegue fazer a crítica sobre o seu próprio trabalho.

Todas as professoras entrevistadas na Escola B relatam que é regra da escola que não se tenha nenhuma exposição dos alunos, que não se apresente o desempenho dos mesmos na frente de todos os pais. No entanto, vemos a fala da professora 2 em entrevista:

“Agora assim, na reunião do meu filho, que eu fui agora é do ensino médio né, aconteceu exatamente isso. Uma sala lotada de pais, chamava um por um e na hora que a mãe levantava e ia lá na mesa assinar, “ele não para, só conversa”. E daí chegava o outro, “ai, ele só conversa, não tem educação, não respeita os amigos”. Eu pensava sentada lá, “meu Deus, se me chamar lá e falar do meu filho, eu acabo com ele a hora que eu chegar em casa!” (Risadas).” (Prof. 2, Escola B)

Ou seja, essas reuniões com exposição ainda acontecem. A professora 2 ainda relata que mesmo tendo recebido elogios sobre seu filho, se sentiu constrangida perante os outros pais que haviam recebido só reclamações. Ainda afirma:

“Eu acho horrível. Não é a melhor maneira de se fazer.” (Prof. 2, Escola B)

Mesmo para os pais que não recebem reclamações, o modo como as reuniões são realizadas podem gerar constrangimentos, potencializando o afastamento da família, quando a expectativa da escola é de aproximação, com este tipo de atitude.

A professora 1, ainda destaca que os pais tem a visão de escola que eles frequentaram, ou seja, eles acreditam que a escola de hoje seja a mesma da década de 1990. Vemos que o que esse pai espera da escola, não é o mesmo que a instituição promove e, dessa maneira, há uma possível distorção de expectativas.

“[...] Eu por exemplo no começo quando comecei a docência, eu achava que os pais tem que ter a mesma visão de escola que eu tenho agora, mas eu passei por toda uma formação acadêmica de muita qualidade pra ver a escola da forma que eu vejo hoje. Então os meus estágios, eu continuei na universidade pesquisando a escola, pesquisando o fazer docente, então eu tenho uma visão da escola... ela não chega a ser romantizada, mas é uma visão bonita da escola. Sim, eu enxergo as mazelas mas eu acho bonita. Agora os pais, eles tem a visão daquela escola que muitos deles abandonaram, não quiseram.” (Prof. 1, Escola A)

A professora 1 pontua que deveria acontecer uma mudança de pensamento e, quem deveria promover essas mudanças, educando também estes pais para esta nova escola de hoje é a própria instituição fazendo com que esta família entenda a dimensão da sua participação dentro do ambiente escolar. É preciso que os pais acreditem novamente no potencial das instituições escolares e que consigam vê-las com um olhar diferente, pautado no respeito, no diálogo e na parceria entre ambos. Por outro lado, também a escola precisa acreditar no potencial das famílias em participar da vida escolar dos filhos, ainda que de diferentes maneiras, conforme a realidade atual da sociedade e das famílias.

“[...] Eu acho que se mudar o pensamento, eles vão entender que eles estão vindo aqui e que a escola não tá querendo dizer “Olha, seu filho é assim, assim, assim, assim. Se vira!” Tá querendo dizer assim pra ele “Olha, o seu filho tem esses problemas mas nós escola e vocês família, conseguimos mudar isso.”

Mas é uma mudança de pensamento, de novo, eu acho que é preciso também educar esses pais pra essa nova escola. Porque se não, fica complicado. (Prof. 1, Escola A)

Entretanto, sabemos que a visão de professores sobre o aluno e suas famílias se constituem social e historicamente, principalmente pela reprodução de expectativas tradicionais da escola, quando nem todos tinham acesso a ela. Modificar esta visão é parte fundamental no processo formativo de professores, necessitando que os cursos de licenciaturas e de Pedagogia se mobilizem na problematização dos modos como se concebe a família e no papel da escola enquanto instituição responsável pelo processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

Essa mudança de concepção não é facilmente transformada, mas deve ser perseguida na formação inicial e continuada de professores. Entendemos que só com a construção de novos sentidos sobre família e escola é que os professores podem propor formas diferenciadas de aproximação com a família. A família deve reconhecer essa participação, mas cabe a escola como instituição de grande potencial que ensine essa participação, dê voz e permita o empoderamento desses pais.

“Então a escola da década de 90 que convidava os pais a participarem. E nós fomos alunos. Os pais dos meus alunos e eu, nós fomos alunos dessa escola da década de 90. Então, e aquela visão assim ainda, é uma coisa a se construir. Não vai ser de imediato essa participação em massa dessa comunidade escolar, porque eles ainda tem essa visão de uma escola que era uma escola muito tradicional, mas não no sentido da metodologia mais tradicional, mas fechada mesmo. Não aberta à essa participação dos pais.” (Prof. 1, Escola A)

Essa mesma professora ainda destaca que a visão que a família e a sociedade tem da escola da década de 1990 foi uma escola que “deu certo”, foi eficiente. Porém destaca que teve amigos que não se enquadraram naquele sistema de escola, sendo excluídos. Dessa forma, parece que deu certo mas a escola só ficou com os alunos que se enquadraram no sistema e que sobreviveram. Muitos, abandonaram a escola quando ainda eram adolescentes, e dessa maneira, o sistema protetivo que a escola possibilita para estes jovens ficou extremamente

reduzido, gerando um grande número de adultos que abandonaram a escola, altas taxas de mortalidade de jovens negros e pobres e baixos índices de escolarização nos anos até 1990, persistentes até hoje.

“De voltar essa escola da década de 90, porque fica aquela coisa “Ah, era uma escola eficiente, dava certo”. Pera aí, eficiente até que ponto? Era eficiente? Era, você sabe fazer as coisas, mas eu me enquadrei no sistema. Dos meus amigos, até estava comentando com uma outra amiga minha, dos meus amigos do nosso grupo, a gente era uma escola de periferia, muito pobre e tal, do nosso grupo de 10 só tem eu e a Elaine viva, o resto morreu, morreu matado, morreu no tráfico. Então, e aí? Essa escola não conseguiu salvá-los disso. Abandonaram a escola ainda adolescente, então é verdade, a gente fica com os que sobreviveram, então parece que deu certo. Mas não deu.” (Prof. 1, Escola A)

A professora 1 também relata que os pais da escola de hoje estão sempre apressados/atarefados. Muitas vezes uma mesma pessoa é a responsável para ir na Reunião de Pais de várias crianças, e dessa maneira, este familiar não consegue participar inteiramente de nenhuma delas.

“E quando eles vem, e eu nunca tive 100%, nem 90... acho que o máximo que eu já atingi foi 80%, e aí quando os pais vem, eles estão muito apressados. Parece que eles querem assinar, ‘eu venho pra assinar o que eu tiver que assinar e vou embora’. Então é sempre muito difícil você lidar com isso, sabe? Porque eles estão querendo ir embora, então se você começa... por exemplo, as vezes eu penso “ah, vou fazer uma dinâmica”, só que por exemplo tem pai que fala “olha, eu preciso ir lá na da fulana, da minha outra filha, e também tenho que ir lá na da minha netinha, então eu preciso assinar”.” (Prof. 1, Escola A)

Essa situação também foi vista na terceira fase da pesquisa, na Reunião de Pais da Escola D. Dos dezessete (17) familiares presentes na reunião, oito (8) deles saem da mesma para participar de outras reuniões e/ou relatam que precisavam ir embora por outros motivos. As duas mães que chegam atrasadas no momento da reunião foram com o uniforme de serviço, o que nos indica que foram direto do trabalho. Uma das mães, se revezava entre a reunião dos dois filhos que estudavam na escola D, assistindo um pouco de cada pela porta da sala. Destacamos a atitude

dessa mãe que tendo duas crianças sob sua responsabilidade não deixou de participar, se interessar e se esforçar para que conseguisse ouvir, ao menos que um pouco, as informações que eram passadas pelas duas professoras. Diante desse fato, cabe questionarmos a necessidade de reuniões separadas, como os espaços coletivos poderiam ser explorados, com agendamentos para as questões individuais. Mais uma vez apresenta-se a necessidade de revisão na dinâmica de realização dessas reuniões.

Destacamos ainda que, mesmo nas Reuniões em que a família pode dar suas opiniões e ter voz, isso ainda não acontece pois esses espaços são organizados com pautas fechadas, as quais os pais não podem interferir e sugerir mudanças, como é o caso da Reunião do Conselho Escolar em algumas escolas.

“Os que fazem parte da comissão vem, são os primeiros a chegar na reunião, tadinhos. Assinam cheques de APM, eles são ativos nessa parte, entendeu? Mas assim, não que eles deem grandes sugestões no conselho, queiram fazer grandes intervenções na reunião. A pauta é dada, ‘pa, pa, pa, pa, pa’ (a professora utiliza essa expressão para simbolizar os itens da pauta), cumpriu a pauta, todos assinam, acabou. Então a participação deles é tímida, ainda é conduzida pela nata da escola. E eles dizem amém ao que é tratado no conselho.” (Prof. 4, Escola B)

A professora 1 destaca que os pais também devem ser estimulados e que é imprescindível o reconhecimento quando esses participam. É extremamente importante que os pais se sintam ouvidos e, que eles saibam que a parceria entre a família-escola depende de ambas as partes para que o desenvolvimento das crianças seja efetivo.

“[...] quando veio na última reunião do trimestre eu falei “Muito obrigada pela parceria, muito obrigada, foi muito legal.” Falei várias coisas então, assim, reforçando o quanto tinha sido importante. Aquele que não participou, ele sabe. Ele sabe disso. E os que participaram então “Olha, nossa, ela reconheceu que eu participei.” Isso é um estímulo. (Prof. 1, Escola A)

Ainda, destacamos a fala da professora 8 quando a mesma ressalta que só fazia dinâmicas quando dava aula em escolas particulares:

“Olha, eu fiz dinâmica quando eu trabalhei em escola particular, então assim, dinâmicas assim de se conhecer, de falar um pouco sobre a criança, dinâmica de deixar recados, do pai deixar recado pro filho e do filho deixar pro pai, entendeu? Na prefeitura em si eu não lembro se eu já cheguei a fazer alguma dinâmica. Talvez no começo por eu ter dado aula em escola particular, quando a gente entra na prefeitura a gente trás algumas coisas de lá, mas depois a gente vai vendo que é uma realidade bem diferente, então tem que mudar algumas coisas.[...] De deixar recado, de fazer um trabalho e deixar pro filho terminar, eu já fiz isso também e foi legal. Ou um trabalho que o filho começou, o pai terminou, também já fiz isso.” (Prof. 8, Escola F)

A fala da professora 8 nos leva a refletir sobre a prática de professores de escolas particulares versus professores de escolas públicas. Por algum motivo, quando a professora começa a dar aula na rede pública, relata que não faz mais dinâmicas pois vê que é uma realidade diferente. Visto que o tempo da reunião é o mesmo, a atitude da professora parece ser equivocada visto que a relação e o estreitamento dos laços com a família deve ser efetivada tanto em âmbitos particulares quanto em âmbitos públicos, não sendo levado em conta a classe social e/ou o bairro das quais as famílias daquela escola tem origem.

Como visto na fala da professora 6, ela pontua que se deve conquistar essa família para que ela compareça em outros encontros. Ainda ressalta:

“[...] Geralmente a criança que os pais são chamados são crianças que deu muito problema ao longo da escolaridade. Então eles acabam não vindo por conta disso, eu acho que eles não acreditam muito que dessa vez vai ser melhor. É mais uma chamada, não há um acolhimento, ninguém pega a causa dele, então tem essa questão. Eu acho que é mais assim, em algum momento ali, deu-se trabalho essa criança, ele não foi bem assim, orientado.” (Prof. 6, Escola D)

A professora 7, no entanto, acredita que a maneira como a Reunião de Pais é desenvolvida não influencia na Reunião de Pais. E ainda destaca:

“Porque participar da vida da criança ela independe de ser um aluno bom ou

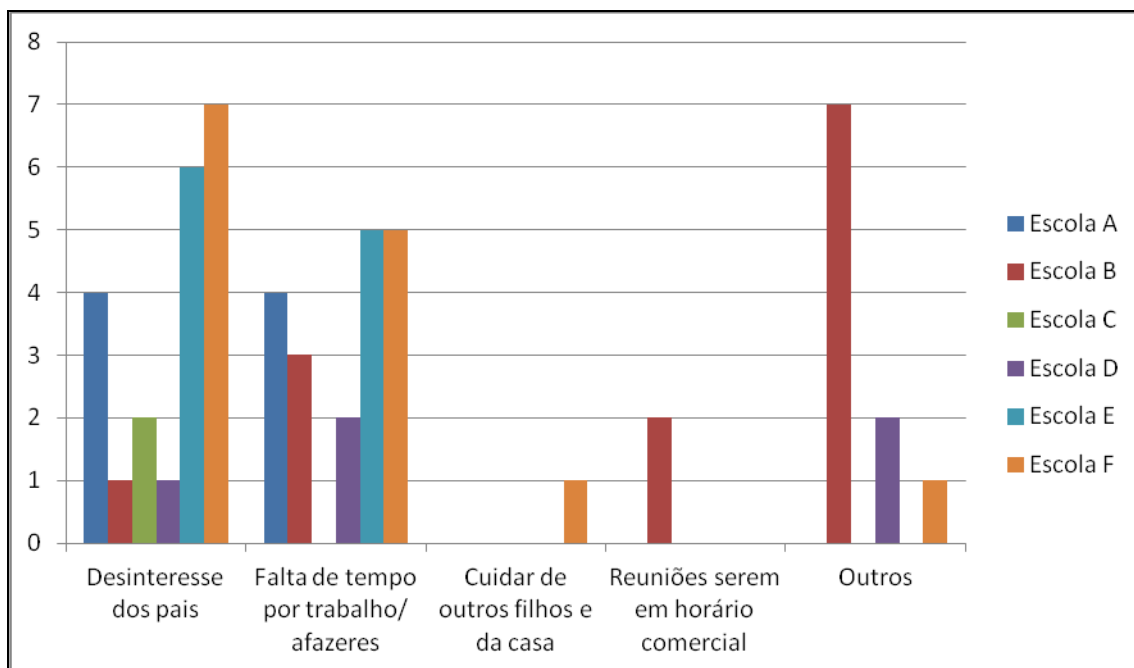
ruim, eu acredito que a partir do momento que você tem um filho na escola, você tem responsabilidade para com ele. E acompanhar o aprendizado, a rotina escolar, faz parte de ser pai, de ser mãe.” (Prof. 7, escola E)

A fala da professora 7 indica uma certa culpabilização da família, ao não assumir essa responsabilidade de participar da reunião. Como vimos no Gráfico 2, muitos motivos podem justificar a não participação dos pais na Reunião de Pais. Muitas vezes a família não compreende o seu lugar nessa parceria, ou não se vê como suficiente para opinar em alguma coisa referente a escola, como veremos na fala da professora 4, quando a mesma diz que os pais dizem ‘amém’ para tudo, porque:

“Não tem uma visão que eles podem intervir na educação dos filhos.” (Prof. 4, Escola B)

6.1.3.1 Motivos da não participação

Ao questionarmos o motivo possível no caso da não participação dos pais e familiares na escola, obtivemos 47 respostas. A maioria dos professores (39,6%) relatam que o motivo seria desinteresse dos pais pela aprendizagem do filho. Uma grande parte (35,8%) assinala que o motivo seria devido ao trabalho, compromissos ou afazeres. A minoria dos professores (1,9%) pontua que o motivo seria por ter que cuidar de outros filhos e da casa. Poucos professores (3,8%) relatam que o motivo seria pelas reuniões acontecerem em horário comercial, quando a maioria dos pais estão trabalhando.

Gráfico 3 - Motivos da não participação dos pais/familiares

Fonte: elaborado pela autora.

. Alguns professores (18,9%) assinalam que os motivos seriam outros, por exemplo:

Escola B: *“Baixa estima. Acha-se inferior e não quer ou tem vergonha de receber reclamação dos filhos.”*

Escola F: *“Moram distante da escola. Os alunos vem à escola de ônibus escolar ou van.”*

Escola B: *“Nos casos das famílias que necessitam de outra postura para participarem o motivo a meu ver é a falta de compreensão de seu papel como responsável.”*

Não devemos ignorar o fato de que existem:

[...] dificuldades reais que as escolas e os educadores enfrentam para, com a democratização do acesso à escola, lidar com crianças e famílias até então pouco familiarizadas com o universo escolar, sua cultura, sua linguagem e seus códigos. O que questionam é uma das explicações dadas a essas dificuldades: a de que os pais não se interessariam pela educação de seus filhos, não valorizariam a escola e transmitiriam a eles esse desinteresse. (BATISTA; CARVALHO-SILVA, 2013, p. 24)

As dificuldades de muitos pais em comparecerem em reuniões, chamamentos específicos ou eventos escolares possivelmente podem ser atravessados por outros

fatores que não o desinteresse pelo desenvolvimento do filho, como trabalho, outros afazeres atribuídos às mães e ou responsáveis (cuidar da casa, cuidar de outros filhos, etc), falta de informação e divulgação da própria escola e outros. Cabe à escola, como grande potencializadora do diálogo, envolver as famílias no desenvolvimento escolar e integrá-las à dinâmica da instituição de outras formas.

A presença dos pais em reuniões é mínima, eles comparecem à escola quando convocados pelos educadores e, não raro, para tratar de comportamentos inadequados do filho na escola. Esse tipo de ação da escola – chamar os pais, mandar bilhetes se queixando do filho – não só mantém os pais afastados como promove sua não participação (SOUZA et al, 2013, p. 56).

Ao aprofundarmos os dados em entrevista, observamos na fala dos professores que o trabalho dos pais pode ser realmente um fator que dificulte que este participe dos momentos que a escola se disponibiliza para recebê-los.

“Eu tenho pais que revelam que trabalham 14 horas por dia. Se ele trabalha 14 horas por dia, que hora que ele vai participar da escola?” (Prof. 1, Escola A)

“Tem famílias que são guerreiras. Tem mãe, coitadinha... que a gente marca as vezes reunião quatro horas da tarde e a mulher vem pingando, correndo, saiu da firma, pediu autorização, vai voltar depois pro turno.” (Prof. 4, Escola B)

“Trabalho. Muitos pais assim fazem horários que eles não tem como estar participando.” (Prof. 8, Escola F)

Algumas escolas realizam a Reunião de Pais em horário comercial, o que dificulta a participação de pais e familiares que trabalham neste horário. Um professor ainda destaca que as reuniões não precisam apenas serem discursadas pelos professores, ou seja, a impossibilidade dos pais terem voz e a impossibilidade do diálogo nos espaços de participação que a escola promove dificulta que os mesmos expressem suas ideias e deem suas sugestões, visto que quando os mesmos vão até a escola eles apenas ouvem o que a escola tem a dizer, mas possivelmente não falam o que a família pensa sobre os diversos assuntos tratados.

Vemos que, a professora 8 em sua fala relata a sua própria experiência também na visão de mãe.

“Eu trabalho dois períodos e eu tenho filho pequeno. Então, que nem hoje mesmo, meu filho vai fazer uma apresentação às 17h10 na escola, eu não vou poder ir porque eu to trabalhando.” (Prof. 8, Escola F)

Devemos pensar nos novos arranjos e dinâmicas familiares, visto que a escola possivelmente tem dificuldades em lidar com as novas formações de famílias existentes nos dias de hoje.

[...] A expansão desses arranjos torna patente que, no plano empírico, não há família, mas famílias organizadas de modos distintos e o conhecimento de sua composição e de seu modo de vida é crucial para a análise das relações entre elas e a escola. (ROMANELLI, 2013, p. 34)

A professora 2 por exemplo, teve que criar seu filho sozinha. Dessa maneira, tinha que trabalhar para garantir o sustento da casa, não podendo ser uma mãe presente nas Reuniões que a escola promovia.

“Trabalho. Então assim... e eu não critico isso porque eu fui uma mãe ausente. Por eu ser sozinha, eu também muitas vezes não pude ir, mas isso não quer dizer que eu não veja caderno de recados, que eu não acompanhe o caderno, então assim... [...] eu vejo inúmeras colegas criticando: “Ah também a mãe não vem na escola, vê se a mãe aparece, não vem buscar, não vem levar”, só que só quem passa por isso, quando é só você e seu filho, você vai entender que é você e você. E você não pode se transformar em dez.” (Prof. 2, Escola B)

Também devemos pensar em como a composição da família foi mudando ao longo dos anos. A eventual ausência do pai no cotidiano escolar, a presença de avós e irmãos mais velhos são cada vez mais intensas no ambiente educacional.

“[...] Tem aquele pai que diariamente na porta da sala são totalmente parceiros, né. Avós, muitos avós hoje tomam essa responsabilidade. [...] Avós, até irmãos mais velhos...” (Prof. 2, Escola B)

“A justificativa maior que nós temos é falta de tempo. E as novas estruturas familiares, né? Que essas crianças nem todas vivem com pai e mãe, as vezes vive com avó, as vezes é de idade e pra se locomover pra cá é ruim, então eu

acredito que essa nova formação, essa desestruturação na verdade da família, é um impecílio.” (Prof. 7, Escola E)

Apesar de alguns docentes reconhecerem essas dificuldades ou necessidade de outros modelos, a expectativa de participação das famílias parece se manter no mesmo patamar, quando observamos que alguns professores atribuem a não participação a uma possível não “estruturação familiar”, tomando como um padrão de família ideal a composição formada por pai, mãe e filhos.

“Eu acho que é, como que eu posso falar? O convívio familiar eu acho que já não é muito estruturado, a pessoa já não é muito... sabe? Problema psicológico da pessoa mesmo. (Risadas)” (Prof. 3, Escola B)

“O que é mais difícil é de ver as dificuldades das famílias. Famílias desestruturadas, que isso afeta as crianças, isso afeta a aprendizagem. Então assim, toda criança que tem um problema, é porque por trás tem uma família desestruturada. As vezes assim, uma separação por mais que seja boa, o pai e a mãe até se dão bem e tudo, a criança sempre tem alguma coisinha. Então assim a questão da família mesmo.” (Prof. 8, Escola F)

Devemos refletir sobre o que estes professores estão nomeando como “família desestruturada”. Em geral, esta palavra é utilizada com um significado negativo. “Em vez de desestruturadas, parecem ser famílias que lutam contra a desigualdade econômica e organizam-se de modo a enfrentar a precariedade de suas condições de existência.” (ROMANELLI, 2013, p. 36). Devemos enxergar que é a escola que pode promover essa participação, buscando meios para trazer a família, seja ela qual for a sua composição, mais perto da instituição possibilitando ambientes nos quais a família tenha voz, possa ser compreendida e ainda, seja ativa no processo de aprendizagem de seu filho, ainda que de modos diferentes daqueles prescritos como “certos”.

Ainda como fatores apontados como motivos para a não participação da família, alguns professores destacam a baixa-estima destes familiares quando vão até a escola, com um possível sentimento de não serem suficientes para opinar e participar do contexto escolar.

“[...] E eles já vem assim, tipo, pra vir na escola as vezes eles vem direto do trabalho e pedem desculpa. “Professora, desculpa. Eu vim com a roupa direto do trabalho”. Você entendeu? “Não, venha.” Entendeu? Então eles vem assim, felizmente eles ainda tem na escola aquela coisa do sagrado, estou na escola, é a professora, entendeu? Mas as vezes eles vem com a estima baixa assim, as vezes de reclamações de anos anteriores.” (Prof. 4, Escola B)

Buscamos analisar práticas que os professores desenvolvem com os pais que não comparecem na Reunião de Pais, aprofundando como se dá e se desenvolve essa comunicação, e obtivemos 38 respostas. Das respostas obtidas, vemos que os professores em sua grande maioria (97,4%) também atribuem, como na questão anterior, a comunicação apenas ao caderno de recados e ao horário de HTPI. Vemos que os professores possivelmente não conseguem avançar na relação com a família, assim como abrir espaços de diálogo que não seja o caderno de anotações e o horário disponível no HTPI. O horário de HTPC (que acontece após as 17h30) poderia se constituir como um horário interessante e que possivelmente possibilitaria os pais o contato com os professores.

Construir outras possibilidades de acesso à escola, certamente produziria novos sentidos e significados para a relação escola-família e para a implicação dos pais para com o processo de aprendizagem dos filhos. Entretanto, na perspectiva de que a escola chama os pais, de maneira geral, para reclamar dos filhos, mesmo que outros horários sejam disponibilizados, o desconforto/constrangimento pode permanecer. Produzir novos sentidos implica em construir juntos outras formas de relações e de ações.

6.1.3.2 Culpabilização da família

Outros professores destacam que a Reunião precisa melhorar, mas se isentam nesta relação e culpabilizam a família como a única responsável pela não efetização da parceria entre escola-família. Outros, possivelmente não conseguem estabelecer um outro modo de contato além da Reunião de Pais, não sabendo o que fazer, como se pode observar nos relatos:

Escola B: *“Não, em alguns casos os pais não comparecem a Unidade Escolar,*

não tendo o que fazer.”

Escola D: *“O que deve ser feito é os pais se conscientizarem da importância da participação deles.”*

Escola E: *“Acredito que elas ocorrem de forma correta, o que falta é uma efetiva participação dos pais.”*

Escola E: *“Os pais deveriam vir com mais envolvimento no aprendizado dos filhos.”*

Escola F: *“Difícil prever esta situação. Se for do interesse deles provavelmente eles comparecem.”*

Escola F: *“Sim, acredito que os pais precisam participar mais da vida escolar dos filhos, mas não sei mais o que fazer para que eles percebam a importância disto.”*

Observamos que os professores não se percebem como parte do problema, atribuindo a responsabilidade às famílias. Isto evidencia que a relação escola-família tem se configurado mais como uma forma de culpabilização da família do que necessariamente uma busca pelo diálogo. Possivelmente, os professores não enxergam a escola como uma instituição que pode promover, conscientizar e desenvolver essa participação e, se referem a participação apenas ao comparecimento dos pais na Reunião de Pais. Buscando aprofundar estas falas, trazemos a fala da professora 3:

“Então eu acho assim, quanto a nós profissionais, quanto a escola, eu acho que não falta nada, é bem recebido, a escola está sempre aberta, eu acho que o problema maior é, são assim, os pais mesmo. [...] Eu acho que do jeito que nós trabalhamos é o suficiente. É eu falei aquela anterior, que quando o pai não aparece é de, ele não vai mesmo, por mais que a gente force ele não vem.”

(Prof. 3, Escola B)

Vemos que estes professores não conseguem ver a escola como instituição que pode promover o diálogo com essa família, principalmente acolhendo, empoderando e dando oportunidade de voz para que ela participe ativamente da escola. O pai não deve ser “forçado”, como visto na fala da professora 3, a ir à escola, mas ele deve se sentir acolhido e pertencente o suficiente para se sentir à vontade de frequentar aquele ambiente. Esses professores parecem não perceber o

quanto ainda falta se fazer para que a relação família-escola seja de fato uma parceria, mas que cabe a escola mostrar outras possibilidades de aproximação para que avancemos nessa questão.

6.1.4 Experiências positivas e práticas diferenciadas

Perguntamos aos professores se eles acreditavam que as Reuniões de Pais e o contato com as famílias deveriam melhorar e, se sim, de que forma eles o fariam. Alguns professores entendem que essa reunião deve melhorar e fazem sugestões de como desenvolvem suas reuniões, promovendo a participação ativa da família, conscientizando sobre a importância de sua participação ou sugerem mudanças que gostariam que acontecessem, por exemplo com reuniões diversificadas, usadas para responder dúvidas e promover discussões com os pais através de palestras.

Escola B: *“Sempre existe maneiras para melhorar; trazer temas/palestras/com profissionais especializados para reflexão e responder dúvidas dos pais.”*

Escola C: *“Eu procuro sempre diversificar minhas reuniões, com dinâmicas, etc.”*

Escola E: *“A melhor forma seria reforçar a relação de confiança entre as partes.”*

Escola F: *“Sim, trazendo os pais para conhecer o trabalho do professor e da escola, como trazer textos formativos, como orientar os filhos na lição de casa e etc.”*

Observamos que essas práticas sugeridas vão de encontro à fala da professora 5, ao que diz respeito à educação dos pais através de palestras em outra escola em que atua.

“Palestras direcionadas e convidamos os pais, nós fizemos uma de câncer de mama, fizemos uma de reciclagem, da importância, pra onde vai, por que que é importante reciclar, então a gente procura temas uma vez por mês e chama o pai. Nós estamos pensando em chamar uma dentista pra vir falar a questão da higiene bucal, troca da escova, da importância da individualidade da escova, isso são coisas que precisam ter. Então é uma maneira de trazer os pais pra dentro da escola. É uma forma que, por incrível que pareça e você fale “Nossa, mas o pai não sabia?”, ele não sabia daquele assunto. Então ele precisa daquela informação.” (Prof. 5, Escola C)

Das dinâmicas realizadas, destacamos algumas como potencializadoras para a efetivação e possibilidades de aproximação entre a família e a escola:

“Faço de balões, coloco mensagens pra saber se o pai conhece o filho, então eu leio e aí o pai fala “Ah, é meu filho”, entendeu? Fica uma mensagem da criança. Eu faço antecipado e o pai vem na reunião, ele pega... Tem pais que choram com o que o filho fala, porque eu falo assim “Você vai falar uma particularidade que só sua mãe sabe, não adianta ser mamãe eu te amo, todos os filhos amam os pais, então tem que ser algo que sua mãe vai se identificar.” Então, é uma delas.” (Prof. 5, Escola C)

“Você dá um pirulito de bolinha pro pai, aí você fala “Agora você coloca uma mão pra trás e você vai tirar, você vai abrir o pirulito apenas com a mão que você está segurando.” Então eles encontram N dificuldades, aí demora, demora, eles descobrem e conseguem tirar a embalagem do pirulito. Aí eu falo “Agora vocês vão chupar o pirulito, detalhe: com a mão estendida”. Aí todos ficam olhando um pra cara do outro... “Mas não dá professora”. Aí demora, mas eles entendem que é pra dar pro amigo. A troca, então trabalha a importância do outro, a questão das limitações, porque tem pai que conseguiu abrir o pirulito com dificuldades, outro não, então os filhos de vocês também são assim, então as vezes começa a comparar, né? A comparação, critica, né? Fica criticando o filho, “Olha, tá vendo, você não consegue, o seu amigo tirou nota boa.” Mas você tem que ver a questão do tempo daquela criança, do momento. Então é uma dinâmica que eles gostam bastante, também.” (Prof. 5, Escola C)

“[...] eu entreguei a que tem um bis, que pede bis pra amizade, pro amor, eles gostam muito. Eu acho que, nossa, é muito bom você estreitar os laços. Então eles veem que você não é só uma pessoa que tá ali pra ensinar os filhos, mas não, que tem um cuidado com todos, com a família, com a criança, então... é um gestozinho que muda tudo.” (Prof. 3, Escola B)

É necessário que o(a) professor(a) da sala observe e saiba quais são as dificuldades dos pais de seus alunos, buscando que escola-família falem a mesma linguagem. A professora 6 relata em sua entrevista que sempre passa para os pais um relatório descritivo da criança. Assim como visto na Reunião de Pais da escola B,

com a professora 2, no qual ela passa a pauta para que todos os pais acompanhem a leitura.

“E como eu não vou ficar com a sala, eu tenho que ser muito objetiva com aquelas mães. “Olha, teu filho eu percebi isso!” Ela vai ter o relatório. Eu vou pedir pra ela ler...” (Prof. 6, Escola D)

No entanto, na Reunião de Pais da escola D, observamos uma mãe que não era alfabetizada, assim como uma mãe e uma avó na Reunião de Pais da escola B. Todavia, as professoras não sabiam que estas mães não eram alfabetizadas e só deram conta disso quando a pesquisadora observou isso na aplicação dos questionários. Pensemos, de que forma essa reunião foi pensada para que atingisse todos os familiares, quando muitos deles estão lá mas não estão acompanhando a leitura ou entendendo o que é passado na lousa? E de que maneira a escola cobra esse familiar para que responda bilhetes no caderno de recados e/ou ajude a criança na lição de casa, quando esses pais/mães/avós não sabem ler e/ou escrever para poder contribuir na tarefa de casa da criança?

Podemos ver essa cobrança na fala da professora 8:

Eles precisam participar mais desde a tarefa de casa que não é feita, muitas vezes eles nem olham, então assim a mudança precisaria assim, tentar trazer mais esses pais pra escola. (Prof. 8, Escola F)

Esses questionamentos nos levam a refletir e trazer a prática da professora 5, da escola C, que relata que em sua Reunião de Pais (não realizada na escola C, mas em outra escola que leciona) passou a organizar de modo que desse os recados mais gerais, fizesse alguma dinâmica e depois ensinasse os pais alguns conteúdos que estava passando para as crianças para que dessa forma os pais soubessem como ajudá-las em casa.

“Então na reunião nós devemos passar, transmitir alguma coisa. Então, na minha eu estou ensinando as contas de adição, multiplicação, divisão e subtração para os pais. [...] E todo mundo tem que desenvolver alguma coisa na reunião, e o meu tema vai ser então as atividades matemáticas. Eu vou ensinar os pais, porque eles não sabem, pra depois eles ajudarem os filhos nas tarefas

escolares.” (Prof. 5, Escola C)

Vemos que isso acontece também na escola B:

“Aí eles vem, e aí ele sabe a dúvida que o filho dele tem. Ele te procura “Professora, você tá ensinando a multiplicação, eu dei uma forcinha em casa, não sei se eu ensinei do seu jeito”, eles falam (Risadas). “Não, perfeito”. Mas ele tem que saber. Eles gostam desse feedback. ‘Pra que que eu venho? Pra saber o que meu filho está aprendendo. Pra ouvir se ele é terrível, tarãrãã, não precisa ser no meio de 20 pais. Não precisa.” (Prof. 4, Escola B)

Observamos a necessidade de ensinar e também educar esses pais na fala da Professora 1, Escola A, quando a mesma relata a fala de uma mãe que manda uma mensagem para ela.

“[...] “o que que é isso que você tá explicando pro meu filho? A gente não tá entendendo. Ele entendeu, tá fazendo lindamente aqui, mas que que é isso? Eu nunca vi isso.” Então como você vai cobrar alguma coisa do pai, que ele participe, se ele não sabe? E também, tem pai que tem acesso, tem mãe que fala “Ah, eu digitei lá no Google pra ajudar e tal”, tem pai que não tem esse acesso.” (Prof. 1, Escola A)

Perguntamos para os professores se utilizam de alguma prática para conversar/dialogar com os pais além das Reuniões de Pais. Obtivemos 45 respostas, e observamos que a maioria dos professores (82,2%) atribuem as outras práticas às conversas através do atendimentos no Horário de Trabalho Pedagógico Individual (HTPI), no Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), além de indicarem o Caderno de Recados como ferramenta de conversa fundamental e as conversas informais durante o horário de saída, quando os pais buscam os filhos na sala de aula. No entanto, uma professora relata que perde o contato com os pais de alunos que vão embora através de van, ônibus e transportes coletivos.

Alguns professores também pontuam passar os recados mais importantes pelo Caderno de Recados.

Escola B: *“Diariamente, o nosso principal meio de comunicação se dá por meio*

do caderno de recados. Há pais que não comparecem devido ao trabalho corrido mas sempre me contatam por meio dos caderninhos. Se necessário, por ele, agendamos um horário para conversarmos pessoalmente.”

Escola F: *“Dialogo com os pais através do caderno de recados, principalmente daqueles alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem e que estão realizando atividades diferenciadas, bem como daqueles que apresentam comportamento inadequado.”*

Escola F: *“Sim. Temos um caderno de recados (que é utilizado para elogios também).”*

Ações como as relatadas pelos três professores demonstram que o caderninho não significa apenas reclamações, mas um instrumento de diálogo constante com a família e a possibilidade de construir saídas para as dificuldades dos alunos de forma conjunta. No entanto, lembramos que alguns pais podem ser analfabetos, colocando esta via de contato como pouco efetiva.

Acreditamos que esses são espaços de possibilidades efetivas de participação, visto que muitas vezes os pais não podem comparecer e podem conversar, por exemplo, sobre o desempenho da criança através do Caderno de Recados. O HTPI pode ser uma possibilidade de conversa quando os pais não podem comparecer, porém possivelmente não é eficaz se pensarmos que ele acontece no horário de aula, o que dificulta a participação dos pais que não foram à Reunião devido algumas destas serem realizadas em horário comercial, pois os pais continuariam sem a possibilidade de estarem presentes. Vemos que a maioria dos professores possivelmente não conseguem avançar na relação com a família, atribuindo ao HTPI e ao Caderno de Recados como as únicas possibilidades de comunicação. Todavia, também pudemos encontrar alguns professores que se utilizam de práticas diferentes para a comunicação com a família, por exemplo:

Escola A: *“Sim. Conversas informais na hora da saída; alguns pais entram em contato comigo via telefone e redes sociais; conversas agendadas em meu htpi.”*

Quando buscamos aprofundar esses dados, a professora explica sobre a importância das conversas via rede social no seu contato com os pais diariamente.

“Você ter esse espaço aberto é importante porque você cria uma relação de

pertencimento. Então assim, os pais sentem que pertencem à classe. Não é a classe do meu filho, é a classe sim, meu filho estuda lá mas eu tenho voz, eu posso ser ouvido, né... então esse lado é o lado positivo. Mas tem um lado negativo também, porque esses são espaços ainda não institucionalizados, então tudo que acontece nele você corre um risco muito grande de se prejudicar, e muito.” (Prof. 1, Escola A)

Uma outra professora utiliza uma folha, a qual envia uma semana antes da Reunião de Pais para que eles deixem recados para seus filhos:

Escola B: *“Sim. Uso caderno de recados, Horário de HTPI (quando necessário) e costumo enviar uma folha antes das reuniões para que após os pais serem as atividades do filho deixem um recado para o mesmo e um recado para mim (assim já abordo o assunto na reunião).”*

Ao aprofundarmos essa prática, a professora 2 relata que:

“[...] Assim como as crianças a gente encontra na sala de aula crianças tímidas, tem pessoas que sobressaem, que fala bem, e tem aquelas que tem vontade de participar mas a vergonha impede. Então nessa folha, eu acredito que fica mais livre da pessoa opinar. As vezes ali, na frente da reunião, eu pergunto “Alguém tem algum coisa pra falar?”, a pessoa se intimida, e na folha não. Ela tá ali, ela sabe que quem vai ler é a professora, então acredito que isso seja um ponto positivo.” (Prof. 2, Escola B)

A professora ressalta que essa folha também pode ser uma demonstração de afeto entre os familiares e a criança. Quando ela realizava a leitura para as crianças, muitas se emocionavam e choravam.

“Eles se emocionam, até eu me emociono. Porque, o ano passado mesmo foi uma que ficou marcante e vai ficar pra sempre pra mim. O pai separado, ele cria o filho sozinho, o menino extremamente educado, amoroso e eu não sabia dessa parte, que o pai criava sozinho, fui saber num evento da escola. Nossa, as palavras de amor que o pai escreveu pra criança, sabe? E você via que não era só no papel, é o jeito que ele trata o menino porque lá no papel tinha “Como o papai sempre diz, vamos junto campeão”, então era uma frase que ele tem, uma

intimidade, um afeto. Então assim, eu me emociono.” (Prof. 2, Escola B)

Os “Pais Contadores de História”, como aprofundado em entrevista com a professora 8, busca fazer com que o pai participe e se integre da sala de aula, conheça a turma dos alunos e a partir daí, os pais contam histórias, leem livros e conversam com as crianças. Dessa forma, a professora consegue trazer os pais, conhecer a família, interagir com os alunos e também faz com que o pai se familiarize-se com o trabalho da professora e conheça o dia a dia da escola.

Escola F: *“No segundo semestre convido para “Pais contadores de História”, projeto para integração na dinâmica da sala de aula.”*

A professora 1 relata uma prática realizada por uma colega na cidade de Campinas, chamada “Chá das Mães”. Essa prática de acolhimento busca levar para a escola, ao final da tarde, os familiares para tomar chá e conversar sobre sua vida.

“Não é pra ir falar do que o Joãozinho tá sabendo ou não tá sabendo escrever, esquece isso. É como se fosse tomar o leite das crianças, só que é um chá, então as mães vão, aí são recebidas, acolhidas e elas vão conversar. Então conversa, uma conhece do filho da outra, não é obrigatório, mas elas vão. É impressionante, elas vão, conversam, e geralmente é no final da tarde, então lá dentro acho que foi feito um estudo e perceberam que o final da tarde era mais possível delas irem, então elas vão e conversam, dialogam, e isso é legal né? Um espaço muito bacana. E assim, proibido, não vai falar. As vezes elas vem “Ai, como que ela tá?” “Ah, a gente fala na reunião. E ai, como você tá?” Porque é a maneira da escola saber como as coisas estão.” (Prof. 1, Escola A)

É interessante pensarmos a ideia do chá como acolhimento. Essa prática possivelmente faz com que estes pais e/ou outros familiares se sintam respeitados, pertencentes aquele ambiente e acolhidos pela professora, expandindo a relação que se limitava apenas ao filho para uma relação que também se importa e se interessa com seus problemas, angústicas, conquistas, etc.

Algumas escolas (Escola A, Escola F) realizam o “Dia da Família na Escola”. Neste dia, os professores pensam em oficinas para que os pais façam junto com as crianças.

“Foi uma experiência ano passado que eu falei “Eu achava que não, mas eles vem!”. Eles vem em peso, eles entram nas oficinas, eles participam. Que nem, a nossa foi de pulseirinhas de Macrame. Eles queriam fazer junto com as crianças, foi muito legal, achei muito bacana. Então tem oficina de plantio, oficina de tudo, de dança, o corvo vem dar oficina de desenho, aí tem orientações, as vezes sobre Dengue, outras coisas, então a família vem, se aproxima da escola e vê de outra forma, né? (Prof. 1, escola A)

“Dentro da nossa Casa Aberta lá, nós fazemos oficinas, a gente realiza oficinas, então você ensina o aluno e depois o aluno participa com os pais, ele ensina. Então nós já fizemos sabão, aí o pai foi e fez o sabão com o óleo. Nós fizemos reciclagem. O ano passado eu fiz entrevista, pesquisa de jornal, TV, radio, levei os alunos para conhecer a TV Claret, foram conhecer a rádio. Depois eles entrevistaram os pais, os pais entrevistaram eles, eles fizeram apresentação. Então, tentar envolver o pai.” (Prof. 5, Escola C)

Também vemos a proposta da prática “Conhecer a casa do amiguinho”. Como relatado pela professora 1, que se inspirou em colegas que já realizavam essa prática, todos os pais deixam as crianças irem na casa de outras crianças, até conhecerem todas as casas da sala e assim terminam na casa da professora. A professora 1 relata que ainda não realiza a prática das crianças conhecerem a casa uma das outras, mas possibilita que as crianças conheçam a sua casa.

“Com essa professora eu aprendi a prática de receber os alunos na minha casa, que eu tinha muito medo antes, tenho ainda um pouco, se acontece alguma coisa você está ferrada. Mas eu tento, essas semanas foram duas, elas vão em casa, passam a tarde lá, porque eu não tenho filhos, né? E não tenho pretensão de tê-los também. Mas tenho 34 anos, então esse lado maternal acaba aflorando em algum momento, e eu gosto porque aí elas veem uma outra professora também, né? Uma professora que se extressa por coisas do dia-a-dia igual a mãe.” (Prof. 1, Escola A)

A professora conta que não é uma atividade pedagógica, e que deixa isso explícito aos pais. É um convite, uma maneira de aproximação entre os alunos e familiares e a professora. Ressalta que um ou outro pai não deixa que as crianças

vão, mas a maioria sempre vai e gosta muito disso.

Também temos o Projeto Escola Família, no qual a família é convidada a participar. A professora 2 ainda explica:

“As nossas arrecadações do meio ambiente, o meu é primeiro ano então quem muito trás são os pais. O aluno pede mas pai, avó... eu tenho avós que sai ‘catando’ lata na rua pra ajudar a criança, então isso é uma participação.” (Prof. 2, Escola B)

Refletimos com a fala da professora 2 do que os professores estão chamando de participação. Possivelmente, isso se limita a participação em Reunião de Pais, Caderno de Recados e Reuniões em HTPI, porém como ela destaca, um pai que ajuda em arrecadações também está presente no cotidiano escolar, contribuindo da forma que pode e que isso já é uma participação.

Na escola B, também vemos a Casa Aberta:

“Temos a Casa Aberta, que é muito bom, então eu acho assim que é um momento que você consegue ver a felicidade dos pais, das crianças, a interação, e nós temos a festa da primavera... Então eu acho que nas festas acabam tendo oportunidade de estar todo mundo junto. Então eu acho que é legal, sim.” (Prof. 3, Escola B)

Ao perguntarmos aos professores quando a relação com a família era melhor ou mais prazerosa, grande parte dos professores se referem às festas e eventos promovidos pela escola.

“Eu acho que nas festividades. Então, festa junina, porque daí eles vem olhar a escola de uma outra forma. As danças, apresentações culturais, que daí eles vem ver o que os filhos fazem de legal, de bacana. Então eles ficam emocionados, tiram fotos, é uma outra vivência.” (Prof. 1, Escola A)

“Festas, sem dúvidas. Nas festas está tudo mundo feliz, todo mundo amoroso, tudo é muito lindo. (Risadas)” (Prof. 2, Escola B)

“Eu acho que assim, aqui mesmo nós temos o momento cultural, que é uma vez

por mês que cada sala apresenta uma dança, um coral, então isso é bem legal, as crianças participam muito. A escola fica aberta para eles entrarem, verem. Eles choram, então é aquele negócio. (Risadas)” (Prof. 3, Escola B)

“Nas festas. A família adora, a mãe adora vir com o tablet e o celular pra tirar fotos e filmar o filhinho dançando. Elas choram no dia das mães, entendeu? A gente tem aqui a festa da primavera, momentos culturais aqui e as mães adoram. E é um momento que a família vem gostosamente pra escola.” (Prof. 4, Escola B)

“É, momentos de festa são quando os pais participam. [...] dia pra estar bem com os pais é dia de festa. Que nem, no dia da confraternização os pais vieram, conversaram, agradeceram, então assim, são os dias melhores.” (Prof. 8, Escola F)

Vemos que a família comparece na maior parte das vezes para eventos festivos promovidos pela escola. Não seria esta uma forma de participação? Qual a expectativa da escola? Possivelmente, a Reunião de Pais não é um encontro tão prazeroso para estes pais quanto às festas, como visto na fala da professora 8:

“Eu fiz uma apresentação de dia das mães e apenas duas mães não vieram, ou seja como foi pra homenagear elas vieram pra receber uma homenagem. Então assim, interessou pra elas. Só que eu tive uma reunião de pais aqui no começo do ano que onde eu tive três pais só. Ou seja, quando foi algo pra homenagear elas vieram, na reunião de pais não vieram. E a homenagem foi no horário de aula, que eu sei que é mais difícil, muitas faltaram, pediram para sair mais cedo ou entrar mais tarde no serviço, e na reunião de pais que foi a noite, que geralmente estão em casa e tudo, não vieram.” (Prof. 8, Escola F)

Vemos o potencial existente nestas festas, destacando que são nelas que a presença maior da família acontece. Dessa maneira, possivelmente nesses espaços é que a escola deve encontrar caminhos e abrir diálogos para aproximar essa família do ambiente educacional.

Também discutimos sobre o comportamento diferente das crianças nas festas extra escolares, como aniversários dos alunos. A professora 1 relata que não reconhece as crianças que a escola considera como “alunos problemas”, pois nestes

lugares as crianças agem completamente diferentes.

“E é legal porque assim, tem criança que dá muito trabalho, chega lá e você se pergunta “O que a escola está fazendo com eles?”, porque assim, não é que ele não gosta de mim, ele não gosta da escola. Ele não gosta de ficar aqui. Porque fora daqui é outra criança, outra criança. Você olha e fala ‘Eu não acredito que é a mesma criança’. E também eles olham pra você de uma outra forma, sabe? Do tipo, ‘ah, ela é humana’.” (Prof. 1, Escola A)

É interessante pensarmos na dinâmica da escola e em seu efetivo papel. Muitos alunos parecem não gostar da escola, não vendo sentido em algumas regras e ordens impostas e como consequência, não as respeitam. Dessa maneira, vemos que possivelmente o problema não está neste aluno mas no sistema educacional implantado nos dias de hoje, que estabelece ideais de comportamento padrão em que as crianças devem se encaixar ou mesmo, na expectativa dos professores quanto aos comportamentos dos alunos.

Destacamos como prioridade que exista o diálogo entre os professores e a gestão escolar, principalmente ao que diz respeito as práticas de cada um dos atores que agem no ambiente educacional. A equipe escolar deve atuar junto, buscando soluções através da cooperação de todos para os problemas da escola. Acima de tudo, deve-se ouvir a família buscando efetivar a parceria entre família-escola.

“A gente tem que ouvir a família. A gente tem que ouvir a família para o desenvolvimento da criança. Por exemplo, ontem eu ainda tava falando na reunião de conselho, e eu dizia “a gente nunca ouve os pais sobre isso. A gente nunca ouviu os pais sobre isso. É pra ter isso? Não é pra ter?”. (Prof. 4, Escola B)

Silva (2010) contribui para pensarmos que a escola é um espaço privilegiado para efetivações de mudanças mas, para isto acontecer deve-se envolver a comunidade como um todo nas questões educacionais. Não apenas chamando os pais para reuniões onde falarão de indisciplina, mau comportamento e notas ruins dos filhos. É imprescindível que aconteça integração entre a escola e a comunidade que ela atende, reconhecendo e valorizando os saberes que já

possuem, efetivando a parceria no trabalho educativo envolvendo assim o maior número de pessoas que estão em sua volta. Deve-se considerar que todos são aptos e podem participar de melhorias da educação e da escola.

6.2 CATEGORIA 2 - A VISÃO DA FAMÍLIA

A segunda categoria busca mostrar a visão da família sobre a relação escola-família. Buscamos descrever como foi o contato com os pais na Reunião de Pais, e analisarmos a visão dos mesmos sobre a relação família-escola. Consideramos ser de suma importância e relevância que os pais e as famílias também fossem ouvidos na pesquisa realizada, pois pesquisar a relação escola-família somente na visão institucional não nos permite uma compreensão da totalidade e não dá possibilidade de fala e voz para que estas famílias de fato se expressem e participem, mostrando o que pensam e como refletem essa relação. Buscamos também entender a situação socioeconômica de algumas famílias na correlação com os dados.

Enfatizamos nesse momento que, infelizmente, não conseguimos atingir todos os pais e familiares que as escolas atendem. Devido à terceira fase da pesquisa acontecer no horário da Reunião de Pais, a pesquisa ficou limitada apenas os pais que compareceram à Reunião, não contemplando a opinião dos familiares e da comunidade que não puderam ir até a escola, não podendo ouvi-los acerca da parceria entre ambos, dos motivos de sua não participação, entre outros assuntos abordados ao longo desse estudo. Outra limitação neste estudo, refere-se a utilização apenas de questionários com os familiares, não permitindo aprofundar qualitativamente nas questões. Acreditamos que estes pontos devem ser objeto de estudo em outras pesquisas.

Devido as Reuniões de Pais e Mestres das escolas de Rede Municipal acontecerem trimestralmente na mesma semana em todas as escolas, algumas reuniões coincidiram em dia e horário, o que impossibilitou que a terceira fase da pesquisa fosse realizada também nas seis escolas envolvidas, considerando também o tempo para o desenvolvimento desta pesquisa. Dessa maneira, realizamos a aplicação dos questionários nas Reuniões de Pais e Mestres da Escola B e Escola D, devido estas acontecerem em dias alternados. A análise a seguir será feita com os dados de ambas as escolas.

É significativo informar que os familiares receberam a orientação de que

poderiam marcar mais de uma opção nas questões, se julgassem necessário e, poderiam deixar de responder alguma questão caso sentissem algum desconforto, conforme previsto no TCLE (APÊNDICE D).

6.2.1 Avaliação da Relação Família-Escola

Ao questionarmos os familiares sobre como classificariam a relação escola-família, obtivemos 28 respostas. Destas, grande parte (35,7%) classificaram esta relação como ótima, pois conseguem participar de todas as atividades e a escola sempre os acolhe. A maioria dos familiares (60,7%) classificaram a relação como boa, pois participam da Reunião de Pais e eventos promovidos pela escola. Ainda, poucos familiares (3,6%) classificaram a relação como razoável, pois só conseguem ir até a escola quando são solicitados.

Nenhum familiar pontua a relação família-escola como ruim ou a classifica como uma relação na qual ele não tem voz e não consegue participar concretamente. De fato, talvez as famílias das escolas pesquisadas tenham voz e consigam participar, sendo ativas no processo de escolarização. Todavia, as famílias por diversas vezes não conseguem perceber a dimensão de sua participação, do lugar que ocupam ou podem vir a ocupar, no mais, não se vêem como quem pode contribuir e/ou sugerir mudanças nesta relação. Não sugerimos que esse seja o caso de todos os familiares que responderam essa questão, mas vemos que isso acontece segundo a fala de alguns professores durante as entrevistas realizadas, como anteriormente mostrado neste estudo:

Mas assim, não que eles deem grandes sugestões no conselho, queiram fazer grandes intervenções na reunião. A pauta é dada, 'pa, pa, pa, pa, pa' (a professora utiliza essa expressão para simbolizar os itens da pauta), cumpriu a pauta, todos assinam, acabou. Então a participação deles é tímida, ainda é conduzida pela nata da escola. E eles dizem amém ao que é tratado no conselho." (Prof. 4, Escola B)

O que a professora 4 diz parece ser uma prática dessa escola, pois no momento da Reunião de Pais um familiar diz que participa do Conselho de Escola mas não sabe o que significa, como vemos no diário de campo.

[...] No dia da aplicação dos questionários na Reunião de Pais, uma familiar relata ter algumas dúvidas. Dessa maneira, fomos lendo as questões juntas e fui explicando-as para esclarecer qualquer dúvida que tivesse.

Na questão sobre a existência do Conselho de Escola, a participante da pesquisa diz que “não sabe se tem”, mas acaba assinalando que sim. Na pergunta seguinte, relata que participa de todas as reuniões promovidas pela escola, incluindo a reunião do Conselho de Escola. [...] (Diário de Campo, Escola B)

Isso vai evidenciando que ao assinalar, a participante da pesquisa responde que sim, participa de todas as reuniões, mas ela não tem clareza do que é, ao mesmo tempo que pontua participar. Vemos o quanto essa participação parece ser figurativa, apenas para estar presente, mas algumas vezes a família não compreende a dimensão da sua participação dentro do contexto escolar. Como também podemos notar, ao questionarmos sobre a existência do Conselho de Escola¹, obtivemos 25 respostas. A maioria dos familiares (76%) afirma que sabe sobre a existência do Conselho de Escola. Nenhum familiar assinala que este órgão colegiado não existe, ao passo de que 24% dos pais afirmam que não sabem sobre isso. Destacamos que a quantidade de pais que não sabem sobre o Conselho pode ser maior do que a apresentada pelas respostas, visto como foi evidenciado anteriormente pela participante que relata que não sabe, mas assinala que deve existir.

Questionamos se a relação realmente é boa, visto que na prática dificilmente é uma relação pautada no diálogo, mas na maioria das vezes baseada na família como receptora de informações, ouvindo o que a escola tem a dizer e aceitando todas as decisões tomadas, considerando-a como instituição sagrada e de

¹ O Conselho Escolar tem como principal atribuição, aprovar e acompanhar a efetivação do Projeto Político-Pedagógico do estabelecimento de ensino. Os representantes do Conselho Escolar são escolhidos entre seus pares, mediante processo eletivo, de cada segmento escolar, garantindo-se a representatividade dos níveis e modalidades de ensino. As reuniões do Conselho são sempre abertas, porém somente os conselheiros eleitos por seus segmentos podem votar. As atividades desenvolvidas por esse colegiado estão diretamente ligadas ao trabalho de deliberação e acompanhamento do desenvolvimento das atividades escolares cotidianas. O Conselho Escolar é constituído pelos seguintes conselheiros: diretor (a); representante da equipe pedagógica; representante da equipe docente (professores); representante da equipe técnico-administrativa; representante da equipe auxiliar operacional; representante dos discentes (alunos); representante dos pais ou responsáveis pelo aluno; representante do Grêmio Estudantil; representante dos movimentos sociais organizados da comunidade (APMF, Associação de Moradores, Igrejas, Unidades de Saúde etc.).

autoridade. Como visto na fala da professora 4 quando a mesma relata que os pais ainda vêem a escola como instituição sagrada, na qual se sentem inferiorizados e chegam até a instituição com a auto estima rebaixada, não vendo a si próprio como alguém que pode contribuir.

“[...] E eles já vem assim, tipo, pra vir na escola as vezes eles vem direto do trabalho e pedem desculpa. “Professora, desculpa. Eu vim com a roupa direto do trabalho”. Você entendeu? “Não, venha.” Entendeu? Então eles vem assim, felizmente eles ainda tem na escola aquela coisa do sagrado, estou na escola, é a professora, entendeu? Mas as vezes eles vem com a estima baixa assim [...].”

(Prof. 4, Escola B)

Sentimos que os pais receiam em participar da escola com opiniões próprias por acharem que suas informações são banais ou insuficientes, diante do saber docente. Um outro fator, é que eles podem achar que a escola é muito mais informada do que eles, e que por isso não podem ajudar nas questões de planejamento, se sentindo incapazes de participar do cotidiano escolar. A professora 4 relata ainda que nem a própria escola sabe o que tratar nos Conselhos de Escola, restringindo apenas à questões estruturais.

“[...] porque nem a escola tem a noção do que fazer no conselho. A escola trata de problemas burocráticos, “Ai, quebrou a telha, vamos reunir o conselho para dizer que a gente vai gastar aquele dinheiro para arrumar aquilo, que a gente não desviou nenhum centavo”. Ótimo, mas não precisa ficar restrito a telha, ao canteiro que reformou, a cobertura da quadra, não. E eles falam “Oh, ótimo!”, mas fica a questões estruturais. E as questões pedagógicas, nem nós levamos pro conselho, porque essas questões a gente tem que levar pro conselho, entendeu? “Ah, mas vai consultar pai pra tudo?” “Vai! Vai! Pra isso se faz um planejamento depois. Não sei se eu sou muito utópica, mas eu acredito nisso mesmo.” **(Professora 4, Escola B)**

É extremamente necessário que a escola esclareça e conscientize a família sobre sua fundamental participação, e mais, que aceite as opiniões e/ou sugestões dos pais também para questões pedagógicas, assim como a construção do Projeto Político Pedagógico da escola que deve ser constituído juntamente com a

comunidade. Entretanto, é preciso acolher a participação da forma que a família consiga apresentar e não nos moldes pré-estabelecidos e esperados pela escola atualmente. Na introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), é abordada a relevância em:

[...] mostrar a importância da participação da comunidade na escola, de forma que o conhecimento apreendido gere maior compreensão, integração e inserção do mundo; a prática escolar comprometida com a interdependência escola-sociedade tem como objetivo situar as pessoas como participantes da sociedade – cidadãos - desde o primeiro dia de sua escolaridade. (BRASIL, 1998, p. 10).

Para concretizar esse intento, é imprescindível que ocorra integração entre a escola e a comunidade atendida. O papel da escola na formação da participação dos pais e da comunidade do entorno é fundamental e de extrema importância para a efetivação da parceria entre família e escola. Se queremos os pais participando das reuniões e do Conselho de Escola, devemos trabalhar a formação desses para entenderem e compreenderem o porque estão ali e o que é um Conselho de Escola. Fazer com que a família entenda a dimensão da sua participação e seu potencial de atuação na construção de ações democráticas na escola, pode ser um dos primeiros passos a serem dados para estreitarmos esta relação, estabelecendo vínculos e avançando para uma relação mais significativa.

6.2.2 Dinâmica das Reuniões com as famílias: (im)possibilidades

Ao buscarmos analisar como se dá o desenvolvimento da Reunião de Pais nas escolas envolvidas, obtivemos 24 respostas. Poucos familiares (16,6%) relatam que os professores em suas reuniões apresentam o desempenho dos alunos (notas), dispensam os pais de alunos com bom rendimento e conversa com os pais dos alunos sobre indisciplinas. A maioria dos familiares (46%) dizem que os professores apresentam o desempenho dos alunos (notas) individualmente e conversam com todos os pais sobre as indisciplinas, sem citar nomes. Grande parte dos familiares (33,25%) pontuam que os professores apresentam o desempenho dos alunos (notas) individualmente, conversam com todos os pais sobre as indisciplinas, sem citar nomes e, propõe a leitura de algum texto para promover uma conversa formativa. Poucos familiares (4,2%) colocam que os professores realizam as

reuniões de outras formas, mas não exemplificam quais seriam.

Perguntamos para os familiares se os professores se utilizam de alguma prática para conversar/dialogar com os mesmos além das Reuniões de Pais. Obtivemos 28 respostas e observamos que a maioria dos familiares (71,4%) atribuem as outras práticas às conversas através do atendimentos no Horário de Trabalho Pedagógico Individual (HTPI), no Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), telefonemas, além de indicarem o Caderno de Recados como ferramenta de conversa fundamental e as conversas informais durante o horário de saída, quando eles buscam os filhos na sala de aula. No entanto, ressaltamos que os professores perdem o contato com os pais de alunos que vão embora através de van, ônibus e transportes coletivos, sendo cerca de 23% dos alunos que utilizam como locomoção o ônibus para ir até a escola, e 7,7% utilizam a van escolar, segundo dados da Escola B e Escola D, apontados pelos pais que responderam o Questionário Socioeconômico desse estudo. A minoria dos familiares (28,6%) pontuam que o professor não utiliza práticas além das Reuniões de Pais e justificam que nunca foi preciso, pois sempre comparecem.

Buscamos analisar práticas que os professores desenvolvem com os pais que não comparecem na Reunião de Pais, aprofundando como se dá e se desenvolve essa comunicação, e obtivemos 28 respostas. Das respostas obtidas, vemos que os familiares em sua grande maioria (71,4%) apontam que os professores utilizam outros meios para a comunicação, como o caderno de recados e ao horário de HTPI. Poucos familiares (28,6%) relatam que os professores não utilizam outros meios.

Perguntamos aos familiares se, quando esses não podem comparecer nas reuniões, o que fazem para saber o que foi tratado e passado. Os familiares apontam como soluções: conversas através do Caderno de Recados ou em HTPI; enviam outras pessoas no lugar para representá-los ou ainda, procuram saber o que foi passado por pais que compareceram.

Observamos, na dinâmica das Reunião de Pais, que muitas vezes uma mesma pessoa era a responsável para ir na Reunião de Pais de várias crianças, e dessa maneira, não conseguia estar presente todo o tempo da referente reunião. Como visto na Reunião de Pais da escola D, dos 17 familiares presentes na reunião, 8 deles saem da mesma para participar de outras reuniões e/ou relatam que precisavam ir embora por outros motivos. As duas mães que chegaram atrasadas no momento da reunião foram com o uniforme de serviço, o que nos indica que foram

direto do trabalho. Uma das mães, como já apontado no Capítulo 6, subseção 1.3 desse trabalho, se revezava entre a reunião dos dois filhos que estudavam na escola D, assistindo um pouco de cada pela porta da sala. Dessa maneira, refletimos neste momento apontando a fala de professores que afirmam o desinteresse das famílias em participar. Pelo contrário, o que pudemos presenciar foram pais e familiares presentes, que se desdobravam entre outras reuniões ou serviços para conseguirem participar da Reunião de Pais.

6.2.2.1 Motivos da não participação

Ao perguntarmos sobre os motivos possíveis quando os familiares não conseguem participar de alguma atividade da escola, obtivemos vinte e quatro (24) respostas. Poucos (4,2%) relatam que seria por desinteresse pelo aprendizado do(s) filho(s)/neto(s). A maioria dos familiares (62,5%) relata que é falta de tempo devido ao trabalho, compromissos, afazeres, entre outros. Esse fator vai de encontro ao que é visto na fala dos professores em entrevista, que relatam que o trabalho pode ser realmente um fator que impossibilite a participação dos familiares:

[...] a vida das famílias é atribulada, entendeu? Muito. Tem famílias que são guerreiras. Tem mãe, coitadinha... que a gente marca as vezes reunião quatro horas da tarde e a mulher vem pingando, correndo, saiu da firma, pediu autorização, vai voltar depois pro turno. [...] **(Prof. 4, Escola B)**

Alguns familiares (8,3%) relatam que o motivo seria pelas Reuniões de Pais acontecerem em horário comercial, quando estão trabalhando. Também é possível observar isso na fala dos professores durante a entrevista, como já apontado no Capítulo 6, subseção 1.3.1 desse estudo, quando a professora 1 relata que tem pais em sua sala que trabalham 14 horas por dia, ou ainda, a fala da professora 8 que pontua que existem muitos pais que fazem horários de trabalho que realmente não possibilitam que estes participem.

Neste aspecto, observamos a inversão na explicação sobre a não participação. Enquanto para os professores prepondera o desinteresse, para os pais, a dificuldade de participação se encontra na necessidade de trabalho e horários incompatíveis.

Outros familiares (25%) assinalam outros motivos, e destacam esses justificando que sempre comparecem a todas as reuniões. Apenas um familiar, o avô de uma criança, relata que quando não comparece o motivo seria alguma enfermidade. Como visto na fala da professora 7:

“[...] essas crianças nem todas vivem com pai e mãe, as vezes vive com avó, as vezes é de idade e pra se locomover pra cá é ruim [...]” (Prof. 7, Escola E)

Observamos que, na maioria das vezes, a escola se queixa das famílias e acaba culpabilizando-os pela não efetivação da participação nas reuniões, ao mesmo tempo que os pais se queixam acerca do desenvolvimento das reuniões, dos horários disponibilizados para atendê-los, entre outros fatores.

De um lado, os pais, ou a família, expressam queixas contra a escola e os professores, e estes são avaliados como despreparados e omissos frente aos alunos e a seus responsáveis; de outro lado, professores e outros agentes escolares argumentam que os pais não se interessam pelos estudos dos filhos, não comparecem a reuniões e lançam mão de uma condenação, afirmando muitas vezes de modo categórico que o mau desempenho dos alunos deve-se à negligência familiar [...] (ROMANELLI, 2013, p. 36).

6.2.2.2 Autoculpabilização da família

Quando perguntamos aos familiares se os mesmos acreditam que as Reuniões de Pais e o contato com as famílias devem melhorar, a minoria (25%) relata que sim, o desenvolvimento da reunião poderia ser de fato melhorado. A maioria (75%) dos familiares, no entanto, ressaltam que não é necessário mudanças. Uma avó ainda ressalta que:

Escola D: *A escola já está fazendo o suficiente para melhorar, só depende dos pais participarem.*

Uma mãe, no entanto, justificando o que deveria ser melhorado na Reunião pontua que:

Escola D: *Conversar mais o que o aluno precisa melhorar; a família deve apoiar mais o professor.*

Essa mãe, como anteriormente mencionado neste estudo, não era

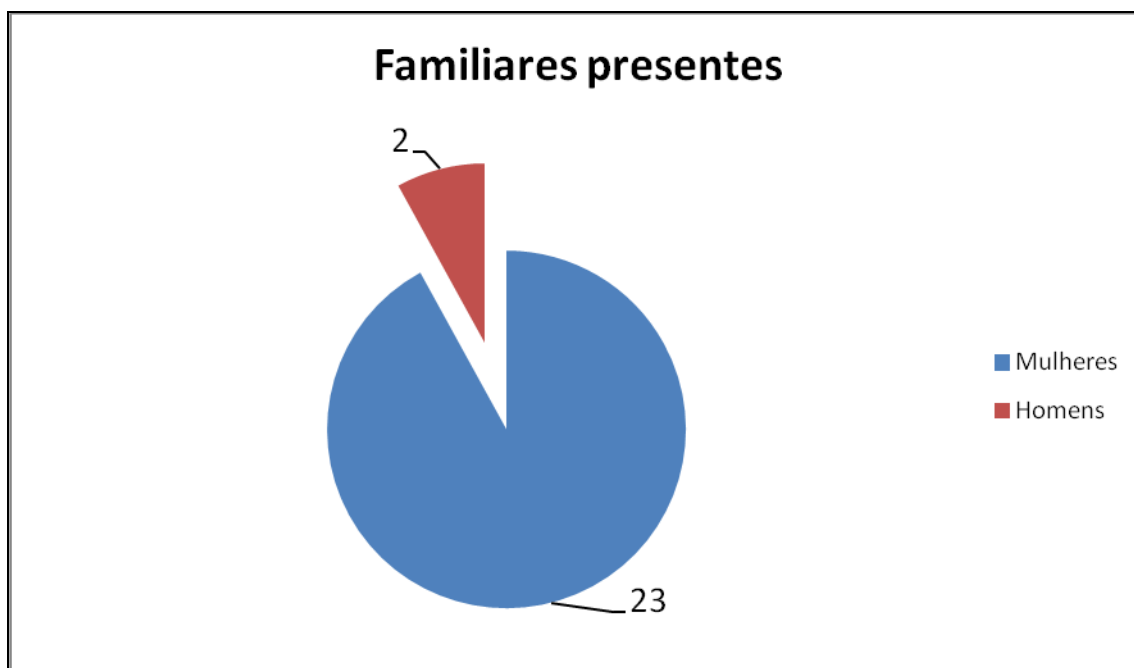
alfabetizada e não conseguia acompanhar o desenvolvimento da reunião com leituras de relatórios dos alunos e as orientações colocadas na lousa, por exemplo, não tendo a professora conhecimento sobre isso, assim como também foi visto na Reunião de Pais da Escola B com 2 mães não alfabetizadas que não conseguiam acompanhar a leitura. No entanto, quando a mãe da Escola D relata o que precisa melhorar na Reunião, atribui ainda a culpabilização da família, que deveria apoiar mais o professor da turma. Essa mãe possivelmente não consegue imaginar um outro tipo de Reunião de Pais e, não consegue fazer a crítica à maneira como vem sendo proposta a Reunião de seu filho(a), mesmo quando essa não a contempla e não a inclui, visto que a mesma não pode acompanhar a leitura ou ainda ler as orientações que estavam na lousa.

Observamos que as famílias parecem acreditar e valorizar o trabalho da escola e do professor, quando apontam que a escola está fazendo tudo que pode para melhorar. O mesmo não parece ocorrer com os docentes, que consideram o desinteresse das famílias como o principal obstáculo.

Vemos que esses familiares, assim como observado na visão de alguns docentes, culpabilizam somente a família pela não participação e não efetivação da parceria entre família-escola, mas não olham para esta relação como uma relação bilateral, na qual a escola também está implicada e é uma das responsáveis.

6.2.3 Análise Socioeconômica das Famílias

Ao investigarmos sobre a situação socioeconômica das famílias presentes na Reunião de Pais observamos que, dos 25 pais e familiares que responderam esse questionário, 23 eram mulheres, sendo elas representadas por mães, irmãs e avós. Apenas dois homens estavam presentes, sendo um pai e um avô. O gráfico a seguir nos permite uma melhor visualização da discrepância entre os dois sexos:

Gráfico 4 – Sexo dos familiares presentes

Fonte: elaborado pela autora.

Esse é um indicativo que não pode deixar de ser investigado, visto que as mães ou familiares do sexo feminino ainda estão em sua grande maioria responsáveis pela presença nas Reuniões de Pais e, possivelmente pelo cuidado com os filhos. Observamos que apesar das mudanças em nossa sociedade contemporânea, é evidente a distinção entre os papéis dos homens e das mulheres dentro da organização familiar em sua relação com a escola. Vieira et al. (2014), aponta que apesar dessas mudanças, a responsabilidade pela criação dos filhos ainda é atribuída, sobretudo, às mães, sendo o cuidado dos filhos e do lar ainda de responsabilidade prioritária da mulher. (BORSA; NUNES, 2011)

Ao que diz respeito a escolaridade dos familiares, vemos que a maioria das pessoas (53,9%) possuem o 2º grau completo, ou seja, terminaram o ensino médio. Algumas pessoas (23%) não tem o 1º grau completo, ou seja, não terminaram até a 8ª série e, outras (15,4%) possuem o ensino superior incompleto, ou seja, não terminaram a faculdade ou ainda estão cursando-a. Pouquíssimos familiares (7,7%) possuem o ensino superior completo. É interessante discutirmos sobre a importância e relevância que os estudos podem ter para estes pais, como visto no diário de campo pela Familiar 2, da escola D:

“Como a mãe não era alfabetizada, li as questões para que ela pudesse participar da pesquisa. [...] Ao perguntar sobre a participação dessa mãe, ela não me pede para escrever, mas relata que coloca a escola como “o mais importante” dentro de sua casa.” (Diário de Campo, Escola D)

Observamos que essa mãe prioriza a educação de seu filho e a escola, colocando como “o mais importante”, ou seja, reconhece a escola como potência para que seu filho possivelmente tenha um futuro bom.

É esse último movimento de reconhecimento que se torna difícil no caso estudado: como os filhos recebem a tarefa de não serem como os pais – que “não são nada” –, o sucesso na escola ou mesmo a longevidade escolar pode significar um reconhecimento do fracasso dos próprios pais, um reconhecimento de que nada são. Tal reconhecimento pode dificultar ou mesmo impossibilitar um percurso escolar bem-sucedido, por conter uma negação daqueles a quem se ama. (BATISTA; CARVALHO-SILVA, 2013, p. 228)

As mães, segundo Batista; Carvalho-Silva (2013), depositam na escola e em seus filhos uma difícil expectativa, pedindo para que os filhos as superem, que as ultrapassem e que não sejam como eles. Na maior parte dos casos, “as mães revelam primeiramente o anseio de que eles tenham acesso à escolaridade necessária para o ingresso no mercado de trabalho.” (BATISTA; CARVALHO-SILVA, 2013, p. 226)

Quando investigamos a renda familiar mensal, observamos que uma (1) família se mantém com menos de um salário mínimo, ou seja, menos de R\$937,00 por mês. Sete (7) famílias vivem com uma renda mensal de um à dois salários mínimos, ou seja, de R\$937,00 a R\$1.874,00 por mês. A maioria das famílias (10) se mantém com uma renda de dois à três salários mínimos, ou seja, de R\$1.874,00 a R\$2.811,00 mensal. Três (3) famílias vivem com uma renda de três à cinco salários mínimos, ou seja, uma renda de R\$2.811,00 a R\$4.685,00. Apenas duas (2) famílias vivem com um salário maior que R\$4.685,00, ou seja, mais que cinco salários mínimos por mês.

Segundo a Secretaria Especial de Direitos Humanos (2006b), quatro grandes grupos de políticas destinadas às crianças e adolescentes existem no Brasil. O primeiro seriam às políticas sociais básicas (educação e saúde); o segundo as políticas de assistência social (como renda mínima, cestas básicas); o terceiro, as

políticas de proteção especial; e o quarto, as políticas de garantias. Com foco no segundo grupo de políticas destinadas às crianças e adolescentes, vemos que, embora as políticas de assistência social sejam consideradas direitos de todos e dever do estado, não são universais e, vemos que ainda existem famílias com vários membros que precisam sobreviver com menos de um salário mínimo por mês.

Ao investigarmos como os familiares se sentem quando vão até as escolas, vemos que vinte e três (23) familiares apontam que todos os membros das escolas (direção, professores e funcionários) recebem bem os pais e procuram resolver os seus problemas, entretanto, dois (2) familiares, um referente a cada escola analisada nesta fase da pesquisa, assinalam que somente alguns membros da escola recebem bem os pais. Apesar da grande maioria se sentirem acolhidos, uma parte desses pais ainda aponta que não são todos os profissionais da escola que são receptivos com os mesmos. Destacamos o fato de que, se a escola quer uma família que participe e seja sua parceira no processo de escolarização das crianças e adolescentes, é necessário que além de abrir portas, estabeleça vínculos e faça com que esses pais e familiares se sintam pertencentes ao ambiente educacional.

7 AS CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

Como já pontuado no capítulo metodológico e na análise dos dados, quarenta e sete (47) questionários foram respondidos por professores que lecionavam no Ensino Fundamental I na primeira fase da pesquisa, que consistia em investigar a relação da escola com a família na visão dos docentes em um Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), em seis (6) escolas de diferentes bairros do município de Rio Claro, interior de São Paulo. Na segunda fase da pesquisa foram realizadas oito (8) entrevistas com professores das diferentes escolas buscando aprofundar os dados obtidos. A seleção se justificou, pois levou em consideração o objetivo geral da pesquisa, que era investigar possibilidades e impossibilidades de aproximação entre a família e a escola, verificando quais ações tem aproximado e/ou distanciado as famílias da escola.

Na terceira fase consideramos de suma importância e relevância que as famílias fossem ouvidas na pesquisa, pois pesquisar a relação escola-família somente na visão institucional não nos permite uma compreensão da totalidade e não dá visibilidade para que estas famílias de fato se expressem e participem. Para isso, realizamos a aplicação de questionários em duas escolas envolvidas na pesquisa, durante a Reunião de Pais e Mestres, buscando entender como as famílias compreendem essa relação com a instituição, assim como sua situação socioeconômica. Foram respondidos vinte e cinco (25) questionários pelos familiares, sendo estes participantes pais, avós, e irmãos. As reuniões de Pais e Mestres das escolas da Rede Municipal acontecem trimestralmente na mesma semana em todas as escolas, e algumas reuniões coincidiram em dia e horário, o que impossibilitou que a terceira fase da pesquisa fosse realizada também nas seis escolas envolvidas, considerando também o tempo para o desenvolvimento desta pesquisa. Dessa maneira, a seleção dessas duas escolas para realização da terceira fase da pesquisa se deu por acontecerem em dias e horários diferentes.

Infelizmente, não conseguimos contemplar todos os pais e familiares que as escolas atendem nesse estudo. Devido à terceira fase da pesquisa acontecer no horário da Reunião de Pais, a pesquisa ficou limitada apenas aos pais que compareceram à Reunião, não atingindo a opinião dos familiares e da comunidade que não puderam ir até a escola, não podendo ouvi-los acerca da parceria entre ambos, dos motivos de sua não participação, entre outros assuntos abordados ao

longo desse estudo. Outra limitação neste estudo, refere-se à utilização apenas de questionários com os familiares, não permitindo aprofundar qualitativamente nas questões. Acreditamos que estes pontos devem ser objeto de estudo em outras pesquisas.

Observamos ao longo dessa pesquisa algumas práticas que tem distanciado às famílias da escola, dificultando que a mesma possa criar vínculos com a instituição. Como vimos ao decorrer da análise de dados, a prática de alguns professores ao apresentar o desempenho dos alunos (notas), dispensar os pais de alunos com bom rendimento e conversar apenas com os pais dos alunos sobre indisciplinas é extremamente desconfortável e constrangedora para esses pais e familiares. Os mesmos vão até a escola e ficam nas salas ouvindo reclamações de seus filhos, enquanto vêem os pais dos alunos com bom rendimento indo embora. Possivelmente essa família não sentirá vontade de comparecer às próximas reuniões.

Vemos ainda como um fator importante que impossibilita a participação dos pais as reuniões que acontecem em horário comercial. Como visto na análise de dados, existem famílias que trabalham muitas horas por dia, algumas mães responsáveis por cuidar da casa, cuidar de outros filhos e etc. Enfatizamos ainda como uma impossibilidade o espaço da Reunião de Pais ser organizado de maneira individual em cada classe. Na terceira fase da pesquisa fica evidente a dificuldade desses familiares em estarem presentes em várias Reuniões ao mesmo tempo. Dos dezessete (17) familiares presentes na reunião da Escola D, por exemplo, oito (8) deles saem da mesma para participar de outras reuniões e/ou relatam que precisavam ir embora por outros motivos. Uma das mães, como anteriormente discutido, se revezava entre a reunião dos dois filhos que estudavam na escola D, assistindo um pouco de cada pela porta da sala. Questionamos a necessidade da organização das reuniões de maneiras separadas. Os espaços coletivos poderiam ser explorados, com agendamentos individuais em casos específicos.

Apresenta-se a necessidade de revisão na dinâmica de realização das Reuniões de Pais, principalmente se nos atentarmos para o fato de que ambas as professoras que participaram da terceira fase da pesquisa (Escola B, Escola D) realizam a sua reunião com leituras, pedindo para que os pais acompanhem os relatórios e anotem as informações passadas na lousa, não se atentando para a possibilidade de que os pais poderiam não saber ler. Vemos o quanto as reuniões

não são pensadas nos pais e familiares, principalmente se não alfabetizados, que estão presentes, visto que esse modelo de reunião não os contempla. Ou mesmo, os familiares que sabem ler e escrever, questionamos se eles conseguem compreender ou se sentem acolhidos, na perspectiva da parceria, neste ambiente escolar.

Problematizamos nesse momento o que a escola esta chamando de participação. Muitas vezes, se limita a participação em Reunião de Pais, Caderno de Recados e Reuniões em HTPI, porém como destacado pela professora 2, escola B, um pai que ajuda em arrecadações também está presente no cotidiano escolar, contribuindo da forma que pode e é possível dentro de suas limitações. Ainda, questionamos a maneira como a escola vem desenvolvendo a conscientização dessa participação com as famílias, visto que algumas delas não sabem o que é o Conselho de Escola, um órgão colegiado da qual ela pode fazer parte, dar sugestões e expressar suas opiniões. O papel da escola na formação da participação dos pais e da comunidade do entorno é fundamental e de extrema importância para a efetivação da parceria entre família e escola.

Ressaltamos a realidade socioeconômica das famílias como fator imprescindível a ser discutido neste momento. Como vimos na análise dos dados, dos vinte e cinco (25) pais presentes nas duas reuniões, apenas dois eram do sexo masculino. Apesar de todos os avanços de nossa sociedade, a responsabilidade pela criação dos filhos possivelmente ainda é atribuída, sobretudo, às mães, sendo ainda de responsabilidade prioritária da mulher.

Questionamos e vemos quão equivocado é chamar as famílias de desestruturadas. Esse termo foi utilizado por vários professores (Prof. 3, Escola B; Prof. 7, Escola E; Prof. 8, Escola F) durante as entrevistas realizadas, sempre demonstrando um significado negativo. Nos questionários socioeconômicos, tivemos indicativos da desigualdade econômica por elas enfrentadas, como uma família que se mantêm com menos de um salário mínimo, ou seja, menos de R\$937,00 por mês. Essa família luta para enfrentar a precariedade de sua vida e, acreditamos que esteja fazendo o que pode dentro de seus limites para ser participativo dentro das oportunidades que a escola oferece.

Encontramos práticas que tem ajudado e estimulado a participação da família no contexto escolar, como: palestras (Escola C) para conscientização sobre temas importantes (cancer de mama, dengue, reciclagem, entre outros); as dinâmicas nas

Reuniões (Escola B, Escola C, Escola E) buscando aproximar a família e criar vínculos; os ensinamentos aos pais (Escola A, Escola B, Escola C) de alguns conteúdos que estão sendo passados para as crianças para que dessa forma os pais saibam como ajudá-las em casa; conversas com os pais (Escola A) diariamente via rede social; a folha enviada (Escola B) uma semana antes da Reunião de Pais para que os familiares possam deixar recados para seus filhos visando a afetividade e vínculos; o projeto “Pais Contadores de História” (Escola F) que visa que o pai participe e se integre da sala de aula contando histórias para as crianças; o “Chá das Mães” (Escola A) como prática de acolhimento buscando levar para a escola, ao final da tarde, os familiares para tomar chá e conversar, estreitando os vínculos entre eles e o(a) professor(a); o “Dia da Família na Escola” (Escola A, Escola F) no qual os professores pensam em oficinas para que os pais façam junto com as crianças; o projeto “Conhecer a casa do amiguinho” (Escola A), no qual as crianças vão conhecendo a casa de outras crianças, até conhecerem todas as casas da sala e assim terminam na casa da professora; e as festas e eventos promovidos por todas as escolas, no qual as professoras enfatizam que são espaços potencializadores que as famílias comparecem.

Todas as práticas anteriormente descritas são possibilidades de aproximação da família com a escola que podem ser socializadas entre toda a rede de ensino para que, cada vez mais, professores se apropriem e utilizem-nas, visando uma participação e envolvimento dos pais na escola. Segundo Fonseca; Polido (2017) a comunidade não só deve partilhar, como também opinar e construir ideias, podendo assim interagir, respeitar e agir de forma integrada com a escola. Essa contínua colaboração entre a escola e os pais faz com que a parceria seja efetiva no processo educacional.

Na análise dos dados, o que se aproximou na visão de alguns professores foi a culpabilização da família como única responsável para que a parceria entre família e escola se concretize. Também é possível notar que na visão dos pais isso também aparece. Os pais se autculpabilizam, possivelmente por não olharem para esta relação família-escola como uma relação bilateral, na qual a escola também está implicada, na qual os professores também estão envolvidos e são responsáveis. Cabe a escola criar possibilidades de participação para que esses pais e familiares consigam de fato participar do ambiente educacional.

Enfatizamos ainda que a grande maioria dos professores entrevistados

apontam para a burocracia como uma dificuldade muito grande dentro da escola atualmente. Os professores relatam que perdem muito tempo preenchendo papéis e relatórios e que esse tempo poderia ser utilizado para outras tarefas/atividades com o objetivo de superação de dificuldades e desenvolvimento das crianças, por exemplo. Destacam a burocracia como algo que deveria ser repensado.

Destacamos ao decorrer da pesquisa algumas práticas contraditórias realizadas pelos professores, como a professora 3, da escola B, que relata que faz sua profissão com amor e se refere aos alunos com dificuldades de aprendizagem como alunos “com defeito”. Esse fato pode nos indicar como a professora estabelece relações com seus alunos, ou como os enxerga, mesmo quando fala que realiza sua profissão com amor. Ainda, vemos a professora 6, escola D, que relata não expor seus alunos em suas reuniões, mas sem perceber elogia uma criança dizendo “não tenho nenhuma reclamação, ele é perfeito... uma criança que tem muita ética” e, minutos depois quando fala de outra criança, a professora diz que seria interessante que a mãe viesse conversar depois. Essa atitude da professora deixou subentendido que este aluno teria problemas de aprendizagem e/ou comportamento e, dessa maneira, essa mãe foi exposta. Vemos uma contradição do que essa professora fala e de sua prática, possivelmente não tendo consciência sobre seu próprio ato.

Ainda como práticas contraditórias, nos atentamos para a professora 8, escola F, que relata em entrevista que age diferente nas reuniões de pais no ensino público e no ensino privado, justificando que as realidades são diferentes. Considerando que o tempo de reunião é o mesmo, a atitude da professora parece ser equivocada, visto que as dinâmicas em reuniões são potencializadoras para o vínculo e estreitamento dos laços com os familiares e, não deve ser levado em conta a classe social das famílias ou bairros que pertencem. Pensamos o quanto essa atitude pode ser estigmatizadora e, pode subjulgar os familiares das escolas públicas como incapazes. Ainda como contradições, vemos o desenvolvimento da participação dos familiares no Conselho de Escola. A família não tem dimensão da participação que pode ter ou que a escola espera que ela tenha, não conhecendo o órgão colegiado e sua possível responsabilidade em poder sugerir mudanças no desenvolvimento da escola e, a escola parece não conscientizar e esclarecer aos familiares suas possibilidades de participação dentro do ambiente educacional. Essas práticas devem ser repensadas.

Fica claro que a relação família-escola é uma relação multifacetada, o professor

possivelmente não compreende o lugar da família, exigindo algumas coisas que essa família não tem condições de fazer, não oferecendo outras possibilidades que ela tem de participação, como exemplo, o Conselho de Escola. Contudo, observamos que na maior parte dos casos os pais querem participar, se esforçam para isso (como a mãe da escola D que se revezava entre as reuniões dos dois filhos que estudavam na escola) e, possivelmente estejam fazendo o que podem dentro de suas limitações (pais que foram diretamente do serviço, com uniforme), mas cabe a escola que viabilize e facilite o acesso dos familiares e da comunidade no ambiente educacional, visando que a família consiga participar de fato.

É extremamente necessário refletir sobre o contexto no qual as escolas pesquisadas estão inseridas. Os professores estão imersos em um sistema de educação mais complexo do que imaginamos, tendo que: se submeter à regras e ordens estipuladas por pessoas que estão em cargos superiores; tendo que sobreviver com condições precárias de trabalho, falta de materiais, salários baixos, burocracia escolar, entre outros fatores. Sem dúvidas, as dificuldades enfrentadas pela profissão são indiscutíveis e, não quisemos, em nenhum momento, julgar uma realidade da qual não vivemos. Pelo contrário, todas as discussões desse estudo buscaram trazer reflexões e questionamentos no sentido de melhorar o ambiente educacional e a relação com a família, tendo como base fundamental a potencialidade que a escola possui para fazer da escolarização e do ambiente escolar um processo prazeroso e significativo.

Destacamos a má formação docente como papel fundamental neste processo. Possivelmente, os professores que relataram ao longo da pesquisa não saber o que fazer quando a relação família-escola estava ruim, não tiveram uma formação que contemplasse essa questão. Questionamos o quanto a formação talvez esteja sendo deficitária nos cursos de Pedagogia atualmente. “Há um excesso de discursos, redundantes e repetitivos, que se traduz a pobreza de práticas.” (NÓVOA, 2009, p. 2) Assim, como pontua o autor, os textos, recomendações, artigos, teses e tudo que lemos repetem os mesmos conceitos e ideias mas não nos ajuda na prática. Ainda, não podemos esquecer que:

É preciso considerar que o professor vive na pele as contradições de um sistema gerador de dificuldades e que enfrenta diariamente uma luta para escolarizar seus alunos. Assim, a formação do professor deve oferecer condições para pensar a realidade escolar e sua

inserção nela, considerando seu papel social e seu relacionamento com seus alunos. (OSTI, 2015, p.91)

No entanto, não são todas as formações que oferecem as condições apresentadas pela autora. Segundo Badia et al. (2014), os cursos de licenciatura mantêm currículos fragmentários, predominância de estudos teóricos e modelos idealizados de escola, de alunos e de ensino. Gomez (1997) pontua que o professor enfrenta muitos problemas práticos, sendo eles sobre situações de aprendizagem das crianças ou a formas de comportamentos de grupos. Ressalta ainda que “o êxito do profissional depende da sua capacidade para manejar a complexidade e resolver problemas práticos, através da interação inteligente e criativa do conhecimento e da técnica.” (GÓMEZ, 1997 p. 102).

No entanto, segundo Osti (2015), se a universidade não ensinou aos professores como lidar com os desafios da sala de aula, é a própria escola que deve assumir essa responsabilidade, buscando desenvolver o potencial de sua equipe e auxiliando os docentes em seu trabalho. A escola é, por sua própria natureza, um ambiente de experiência e de infinitas possibilidades para que o professor possa aperfeiçoar e melhorar sua prática.

Destacamos como necessário que os docentes reflitam sobre suas ações e avancem nessas questões juntamente à instituição. “À medida que os professores tentam criar condições para uma prática reflexiva, é muito possível que se venham a confrontar com a burocracia escolar” (SCHÖN, 1997, p. 87). Segundo o autor, e como visto pela fala da professora 4, a burocracia escolar é um impasse para realização de algumas coisas dentro do ambiente educacional. Cabe a escola que promova discussões e espaços para que esses professores se aperfeiçoem e melhorem para que assim possam contribuir para as dificuldades enfrentadas pelo cotidiano escolar. Schön (1997) reforça que quando os professores e gestores trabalham em conjunto, a escola pode se tornar uma prática reflexiva também para os professores. O educador, contudo, deve ter clara a importância do seu papel no processo educativo, visando estabelecer uma relação consciente com seu trabalho, compreendendo seu importante papel e compromisso com a formação humana.

Devemos pensar, segundo Bordenave (1994), que a participação dos pais dentro das escolas públicas, assim como a democracia participativa na sociedade, só será possível se os pais sentirem que fazem parte da escola, da organização e da construção desta escola. “A participação não é somente um instrumento para a

solução de problemas mas, sobretudo uma necessidade fundamental dos ser humano” (BORDENAVE, 1994, p.16). Dessa maneira, é preciso que aconteça uma democratização e descentralização de poder na escola pública, na qual o ensino seja pautado por uma gestão democrática com ampla participação de diferentes segmentos, sejam eles professores, funcionários e pais, nas decisões administrativas e pedagógicas. Enxergamos a escola como espaço privilegiado e potencializador para o desenvolvimento de crianças e adolescentes e, ainda mais potente quando caminha ao lado da família.

Diante disso é possível concluir que a escola e seus atores necessitam ter claro sua responsabilidade e implicações na relação com a família de seus alunos. Se desejamos caminhar para uma escola democrática, precisamos pautar nossas ações em um processo democrático e participativo, que enxergue a família como fundamental nesse processo, superando a ideia de que a democracia dependa de concessões. (PARO, 2008) O processo de participação da família nas escolas públicas é lento e gradativo, mas sua efetivação será transformadora na melhoria da educação.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração o objetivo principal desta pesquisa, que foi investigar quais práticas, na visão de professores e pais, tem aproximado e/ou distanciado as famílias da escola, pode-se dizer que se chegou a alguns resultados importantes que merecem ser retomados.

É extremamente importante que as escolas abram mais espaços de participação. A relação entre família e escola ainda é uma relação difícil, com opiniões diferenciadas e, vemos que os espaços destinados a participação são poucos e se repetem. Portanto, é necessário que a escola se abra através de outros meios de aproximação com essa família, conscientizando-a sobre sua fundamental participação e possibilitando meios para que essa família de fato vivencie o cotidiano escolar.

Observamos ao longo desse estudo que as escolas continuam mantendo certa distância entre a família, não os vendo possivelmente como potencializadores para que se efetive uma parceria, como evidenciamos ao longo desse trabalho. A escola, como grande promotora da educação, tem que pensar estratégias e outras formas de aproximação dessa família que atende, como destaques desse trabalho vemos algumas possibilidades apresentadas no Capítulo 6, subseção 6.1.4. Práticas essas que devem ser socializadas, apreendidas por outros professores e reproduzidas.

Destacamos a importância das portas que nos foram abertas e ressaltamos o quanto a universidade, assim como as pesquisas na área de educação, devem continuar buscando adentrar às escolas para estudá-las e pesquisá-las. O próprio processo do sujeito da pesquisa refletir sobre o tema é significativo para que repense suas práticas e apreenda outras possibilidades de atuar, como visto na fala de uma professora que relatou que lendo as questões do questionário (APÊNDICE B) pode imaginar outras maneiras de organizar sua Reunião de Pais. A reflexão sobre o próprio ato e sobre a própria prática é fundamental e necessária.

Destacamos a relevância dessa pesquisa na área de educação, buscando mostrar a realidade de algumas escolas da Rede Municipal de Ensino de Rio Claro, interior de São Paulo. Esse estudo pode nos indicar o que as escolas vem fazendo nos últimos anos que possivelmente têm afastado as famílias da escola, assim como socializar práticas positivas que demonstram a possibilidade de aproximação e

acolhimento que vem sendo realizado por essas mesmas escolas do município.

Temos clareza de que esse trabalho não mudará a participação das famílias nas escolas, todavia torna-se urgente uma discussão mais consistente no âmbito das políticas públicas de educação no que se refere a criação de estratégias diferenciadas que visem a aproximação e o acolhimento das famílias que as escolas atendem. Para tanto se faz necessário que a escola se enxergue como parte da comunidade e, esta comunidade se veja concomitantemente como parte dessa instituição.

É nesse sentido que a pesquisa espera ter contribuído, uma vez que fica claro a partir dos dados obtidos o importante papel da escola na aproximação das famílias e da comunidade. Daí o apelo, proporcionado por esta pesquisa, à professores e equipes gestoras das escolas do município, para que procurem diminuir a distância entre a instituição e a família, buscando uma parceria com os familiares para que dê fato seja realizado um trabalho significativo no ensino das crianças.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BATISTA, A. A. G.; CARVALHO-SILVA, H. H de. **Família, escola, território vulnerável**. São Paulo: CENPEC, 2013.
- BERTAN, L. A relação escola – família: um espaço negado aos pais? **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 3, n.2, p. 01-11, Dez. 2005.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília: Ministério da Educação, 1990.
- BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Socioeducação: Estrutura e Funcionamento da Comunidade Educativa**. Brasília, DF, 2006a.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais (1ª a 4ª série)**. Brasília. MEC/SEF, 1998.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BORDENAVE, J. D. **O que é participação**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORSA, J.; NUNES, J. Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 64, 31-39, 2011.
- DAYRELL, J.; CARRANO, P. **Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- ESCOLA A. **Projeto político pedagógico**. 2011, Rio Claro.
- ESCOLA B. **Projeto político pedagógico**. 2014, Rio Claro.
- ESCOLA C. **Projeto político pedagógico**. 2011, Rio Claro.
- ESCOLA D. **Projeto político pedagógico**. 2011, Rio Claro.
- ESCOLA E. **Projeto político pedagógico**. 2014, Rio Claro.
- ESCOLA F. **Projeto político pedagógico**. 2011, Rio Claro.
- FONSECA, D. C. POLIDO, C. Violência, comunidade e escola: relações, conflitos e possibilidades. In: ADAM, J. M. (Org.) **Espaços e Conflitos Escolares: perspectivas a partir de imagens produzidas por alunos de escolas públicas**. São Paulo: Porto de Ideias, 2017. 57-88.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, p. 57-63, 1995.

GÓMEZ, A. P. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo: In: NÓVOA, A (Coord). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Instituto de Inovação Educacional, 1997, p. 93-114.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **PAS - Pesquisa Anual de Serviços**, 1976.

LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**: São Paulo, v. 26/27, p. 149-158. 1990/1991.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec- Abrasco, 2010.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. In: _____. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009. p. 25-46.

OSTI, A. Formação de professores alfabetizadores. In: PARENTE, C. M. D.; MATTOS, M. J. V. M.; VALLE, L. E. L. R. (Org.). **Formação de professores frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas**. Porto Alegre: Penso, 2015, v.1, p. 85-99.

OLIVEIRA, C. B. E., & MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, p. 99-108, 2010.

PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

PARO, V. H. Participação da comunidade na gestão democrática da escola pública. In: _____. **Gestão democrática da escola pública**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008. p. 15 – 27.

RIBEIRO, E. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência, olhares e pesquisas em saberes educacionais**, Araxá. n. 4, p. 149-174, 2008.

ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M. A.; ZAGO, N. (Org.). **Família & escola: novas perspectivas de análise**. Petrópolis: Vozes, 2013.

SCHÖN, A. D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A.(Coord.). **Os professores e a sua formação**. 3. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Instituto de Inovação Educacional, 1997, p. 77-91.

SILVA, F. A. **A importância da participação da família no ambiente escolar: desafios e propostas de aproximação**. 38p. Trabalho de conclusão de graduação (Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SOUZA, V. L. T. de; ANDRADA, P. C.; PISSOLATTI, L. M.; VENANCIO, M. M. R. Os sentidos da escola para os pais. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n.36, pp. 55-66. 2013. ISSN 1414-6975.

SPOZATI, A. Exclusão social e fracasso escolar. **Em Aberto**, Brasília, v. 17, n. 71, jan. 2000.

VIEIRA, M.; CREPALDI, M.; BOSSARDI, C.; GOMES, L.; BOLZE, S.; PICCININI, C. Paternidade no Brasil: revisão sistemática de estudos empíricos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 2, p. 36-52, 2014.

VIGOTSKI, L. S. Pensamento e palavra. In: _____. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WANDERLEY, M. B.; OLIVEIRA, I. I. M. C. (Org.) **Trabalho com Famílias**. São Paulo: IEE – PUC – SP, 2004. v.2.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Professores

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Eu, Caroline Polido, aluna de graduação do curso de Licenciatura plena em Pedagogia (UNESP-Rio Claro), RG 36.798.033-2/SSP-SP, sob a orientação da Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca, estamos convidando-o (a) a participar do estudo “RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO”.

Esta pesquisa tem por objetivo compreender e investigar quais práticas, na visão de professores e pais, têm aproximado e/ou distanciado às famílias da escola. Com duração de um ano, a pesquisa será dividida em três etapas. A primeira etapa será por meio de questionários, que irão apresentar algumas questões referentes à participação da família no âmbito escolar e você, assim como os demais participantes, poderão relatar suas experiências, opiniões e sentimentos relacionados à relação escola-família. Na segunda etapa da pesquisa, analisaremos as práticas relatadas nos questionários pelos professores, selecionando práticas que nos mostram um vínculo e participação das famílias com a instituição para entrevista individual. Na terceira etapa, entraremos em contato com os pais, através do(a) professor(a) e analisaremos a relação escola-família, também na visão da família por meio de questionários.

No momento da entrevista, nossas conversas serão gravadas por um áudio-gravador. Você tem o direito de recusar a gravação, mas isso não significa que terá que deixar de participar da pesquisa. Neste caso, as respostas serão registradas pela pesquisadora e um (a) auxiliar, quando necessário. A entrevista será realizada em uma sala fechada onde somente as pesquisadoras e o participante estarão presentes.

Os riscos em participar desta pesquisa são mínimos, podendo haver eventual desconforto ou constrangimento diante de alguma pergunta. Para diminuir essa possibilidade de risco de desconforto ou constrangimento, sugerimos que você deixe de se manifestar diante de temas que se sinta desconfortável, podendo, inclusive, deixar de responder ou desistir de sua participação sem qualquer prejuízo. Caso você tenha dúvidas, pode pedir esclarecimentos.

O benefício desta pesquisa consiste em compreender a visão dos professores e pais sobre a relação escola-família e, assim, pensar em práticas que integram e promovem a participação da família, fazendo da experiência educacional um ensino significativo e prazeroso.

Lembramos que é um direito seu desistir da participação na pesquisa em qualquer momento e por qualquer razão, sem qualquer prejuízo. Esclarecemos e garantimos que a sua identificação será mantida em sigilo e os resultados obtidos por meio da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos científicos expostos acima, incluída sua publicação na literatura especializada. Em caso de dúvida ou para entender melhor a pesquisa, você poderá entrar em contato, em qualquer momento que julgar necessário, com as pesquisadoras. Os dados para contato encontram-se no final desse documento.

Ressaltamos que você não terá qualquer forma de despesa e não será remunerado(a) para participar da presente pesquisa.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisadora.

Local/data

_____, ____/____/____.

Assinatura do(a)
Pesquisador(a)

Assinatura do(a) Pesquisador(a)
Responsável

Assinatura do participante da pesquisa

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: “Relação escola-família: possibilidades de aproximação”

Pesquisador Responsável: Caroline Polido

Cargo/função: aluna de graduação do curso de Licenciatura plena em
Pedagogia Instituição: Unesp-Rio Claro

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Dados para Contato: fone (19) 997000450 e-mail:

caroline_poli@hotmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca

Instituição: Unesp-Rio Claro

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-
900 – Rio Claro/SP Dados para Contato: fone (19)

3526-4272 e-mail: deboracf@rc.unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP Telefone: (19) 35269678

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

APÊNDICE B – Questionário para Professores

RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: POSSIBILIDADES PARA APROXIMAÇÃO

Professor(a): _____

Turma/período: _____

Escola: _____

Formação: _____

1) Como você classificaria a relação família–escola no âmbito educacional?

- (A) Ótima, visto que as famílias participam bastante em diversos aspectos.
- (B) Boa, pois as famílias participam da Reunião de Pais e eventos da escola.
- (C) Razoável, pois os familiares vem até a escola apenas quando são solicitados.
- (D) Ruim, pois os as famílias não participam.
- (E) Outras.

Em caso de outras, justifique sua resposta:

2) No caso da não participação dos pais e familiares, você acredita que o motivo possível seria:

- (A) Desinteresse dos pais pelo aprendizado dos filhos.
- (B) Falta de tempo devido ao trabalho/ compromissos/afazeres, etc.
- (C) Por ter que cuidar de outros filhos e da casa.
- (D) Os horários das Reuniões de Pais serem em horário comercial, quando a maioria dos familiares trabalham.
- (E) Outros.

Em caso de outros, justifique sua resposta:

3) Na Reunião de Pais, você:

- (A) Apresenta o desempenho dos alunos (notas), dispensa os pais de alunos com bom rendimento e conversa com os pais dos

alunos sobre indisciplinas (quando há casos de indisciplinas).

(B) Apresenta o desempenho dos alunos (notas) individualmente e conversa com todos os pais sobre as indisciplinas, sem citar nomes.

(C) Apresenta o desempenho dos alunos (notas) individualmente, conversa com todos os pais sobre as indisciplinas, sem citar nomes e, propõe a leitura de algum texto para promover uma conversa formativa.

(D) Outras.

Em caso de outras, justifique sua resposta:

4) Você acredita que as Reuniões de Pais e o contato com as famílias devem melhorar? Se sim, de que forma você o faria?

5) Você utiliza de alguma prática para conversar/dialogar com os pais além das Reuniões de Pais? Se sim, descreva qual e como você a desenvolve.

6) Você utiliza de alguma prática para conversar/dialogar com os pais que não podem comparecer nas Reuniões de Pais? Se sim, descreva qual e como você a desenvolve.

(Se houver necessidade, utilize o verso)

APÊNDICE C – Entrevista com Professores

RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Telefone para contato: _____

Escola: _____ Turma/período: _____

Formação: _____

Tempo de formada(o): _____ Experiência docente: _____

O que é mais prazeroso e mais difícil na sua profissão: _____

- 1) Algumas práticas de diálogo/conversas além das Reuniões de Pais foram apresentadas na primeira fase da pesquisa. Você acredita que as mesmas são efetivas e potencializadoras para a parceria entre família-escola? (Exemplo: caderno de recados; conversas informais no horário de saída; redes sociais; conversas em HTPI).
- 2) Como você organiza e desenvolve a prática de acolhimento aos pais e familiares nas reuniões de pais?
- 3) Quais fatores você acredita que influenciam na participação da família na escola? (Ex: baixa escolarização dos pais e a baixa auto-estima).
- 4) Você acha que a maneira como os professores apresenta o comportamento e/ou desempenho dos alunos na Reunião de Pais e Mestres influencia a participação e envolvimento dos pais? Se sim, por quê?
- 5) Você acha que a relação com os pais e a família é melhor e/ou mais prazerosa em que momentos? (Exemplo: momentos de socialização, festas e eventos promovidos pela escola)
- 6) Que mudança na relação escola-família você considera necessária para o desenvolvimento integral das crianças?
- 7) Como você acha que a relação escola-família pode ser valorizada e fortalecida? De que maneira a Reunião de Pais se tornaria mais prazerosa para você e para a família?
- 8) Você conhece outras práticas de contato com as famílias? Se sim, quais?
- 9) Tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar, algo que ainda não perguntei e você gostaria de ressaltar?

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Família

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Eu, Caroline Polido, aluna de Pedagogia da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, RG 36.798.033-2/SSP-SP, sob a orientação da Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca, estamos convidando-o (a) a participar do estudo “RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO”.

Esta pesquisa tem por objetivo entender quais práticas, na visão de professores e pais, têm aproximado e/ou distanciado às famílias da escola. Com duração de um ano, a pesquisa será dividida em três etapas. A primeira etapa foi realizada por meio de questionários, que foram respondidos pelos professores, apresentando questões sobre a participação da família na escola, no qual eles puderam relatar suas experiências, opiniões e sentimentos relacionados à relação escola-família. Na segunda etapa da pesquisa, foi analisado as práticas relatadas nos questionários pelos professores, selecionando práticas que nos mostram a participação das famílias com a escola para entrevista individual com esses professores. Na terceira etapa, analisaremos a relação escola-família, também na visão da família por meio de questionários.

Os riscos em participar desta pesquisa são mínimos, podendo sentir um desconforto ou constrangimento diante de alguma pergunta. A criança sob sua responsabilidade poderá sentir desconforto. Para diminuir essa possibilidade de risco de desconforto ou constrangimento, sugerimos que você deixe de se manifestar diante do que sinta desconfortável, podendo deixar de responder ou desistir de sua participação sem qualquer prejuízo. Caso você tenha dúvidas, pode pedir esclarecimentos.

O benefício desta pesquisa é compreender a visão dos professores e pais sobre a relação da escola com a família e, assim, pensar em práticas que promovam e colaboram com a participação da família, fazendo da experiência educacional um ensino bom e prazeroso.

Lembramos que é um direito seu desistir da participação na pesquisa em qualquer momento e por qualquer razão, sem qualquer prejuízo. Os questionários respondidos pelas famílias não precisam de identificação ou nomes, garantindo o sigilo e anonimato. Utilizaremos as respostas apenas para alcançar os objetivos da pesquisa.

Em caso de dúvida ou para entender melhor a pesquisa, você poderá entrar em contato, em qualquer momento que julgar necessário, com as pesquisadoras. Os dados para contato encontram-se no final desse documento.

Você não terá qualquer forma de despesa e não será remunerado(a) para participar da pesquisa.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisadora.

Local/data _____, ____/____/____.

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Assinatura do(a) Pesquisador(a)
Responsável

Assinatura do participante da pesquisa

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: “Relação escola-família: possibilidades de aproximação”

Pesquisador Responsável: Caroline Polido

Cargo/função: aluna de graduação do curso de Licenciatura plena em

Pedagogia Instituição: Unesp-Rio Claro

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Dados para Contato: fone (19) 997000450 e-mail: caroline_poli@hotmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca

Instituição: Unesp-Rio Claro

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-

900 – Rio Claro/SP Dados para Contato: fone (19)

3526-4272 e-mail: deboracf@rc.unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

APÊNDICE E – Questionário para Família

RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO

Professor(a): _____

Turma/período: _____

Escola: _____

Parentesco com o aluno: _____

1) Como você classificaria a relação família–escola na escola?

(A) Ótima, pois consigo participar de todas as atividades e a escola sempre me acolhe.

(B) Boa, pois participo da Reunião de Pais e eventos da escola.

(C) Razoável, pois só consigo ir até a escola quando sou solicitado.

(D) Ruim, pois não consigo comparecer sempre e não tenho voz para participar de outro jeito.

(E) Outras.

Em caso de outras, justifique sua resposta:

2) Quando você não consegue participar de alguma atividade da escola, o motivo possível na maioria das vezes, é:

(A) Desinteresse pelo aprendizado do seu filho.

(B) Falta de tempo devido ao trabalho/ compromissos/afazeres, etc.

(C) Por ter que cuidar de outros filhos e da casa.

(D) Os horários das Reuniões de Pais serem em horário comercial, quando estou trabalhando.

(E) Outros.

Em caso de outros, justifique sua resposta:

3) Na Reunião de Pais, o(a) professor(a) do seu(sua) filho(a)/neto(a):

(A) Apresenta a nota dos alunos, dispensa os pais de alunos com boas notas e conversa com os pais dos alunos sobre indisciplinas e mau comportamento (quando há casos de indisciplinas).

(B) Apresenta a nota dos alunos individualmente e conversa com todos os pais sobre as indisciplinas, sem citar nomes.

(C) Apresenta a nota dos alunos individualmente, conversa com todos os pais sobre as indisciplinas, sem citar nomes e, propõe a leitura de algum texto para conversarmos.

(D) Outras.

Em caso de outras, justifique sua resposta:

4) Você acredita que as Reuniões de Pais e o contato com as famílias devem melhorar?

() Sim

() Não

Se sim, de que forma e o que você acha que a escola poderia fazer? E o que a família poderia fazer?

5) O(A) professor(a) da sala utiliza outro meio para conversar com você além das Reuniões de Pais?

() Sim

() Não

Se sim, descreva qual e como ele faz.

6) Quando você não pode ir na Reunião de Pais, o professor utiliza outro meio para conversar com você e dizer o que está acontecendo na escola e/ou com seu(sua) filho(a)?

() Sim

() Não

Se sim, descreva qual e como ele faz.

7) Quando você não pode comparecer nas reuniões, o que você faz para saber o que foi tratado e passado para os pais?

(Se houver necessidade, utilize o verso)

APÊNDICE F – Questionário socioeconômico para Família

Questionário socioeconômico para família

DADOS DO PARTICIPANTE:

Genero: () Feminino () Masculino

Idade: _____

Estado Civil: _____

1) Escolaridade:

- (A) 1º grau incompleto (1ª até 8ª série)
- (B) 1º grau completo (1ª até 8ª série)
- (C) 2º grau incompleto (ensino médio)
- (D) 2º grau completo (ensino médio)
- (E) Superior incompleto
- (F) Superior completo
- (G) Outros: _____

2) Sua profissão: _____

3) Qual a renda familiar?

- (A) Menos de R\$937,00
- (B) De R\$937,00 a R\$1.874,00
- (C) De R\$1.874,00 a R\$2.811,00
- (D) De R\$2.811,00 a R\$4.685,00
- (E) Mais de R\$4.685,00

4) Número de filhos: _____

5) Qual o tempo e o transporte utilizado para o aluno vir até esta escola:

- (A) Até 10 minutos
- (B) Até 20 minutos
- (C) Até 30 minutos
- (D) 40 minutos ou mais

() A pé () Bicicleta () Carro

() Ônibus () Outro

6) A escola tem associação de pais e mestres (APM)?

() Sim () Não () Não sei

7) A escola tem Conselho de Escola?

() Sim () Não () Não sei

8) Quais reuniões que o Sr. ou a Sra. frequenta na escola de seu(s) filho(s)?

- (A) APM
- (B) Conselho de Escola
- (C) Reunião de pais e professores
- (D) Festas, eventos e comemorações
- (E) Todas
- (F) Nenhuma
- (G) Outras: _____

9) Como você acompanha o desenvolvimento e a frequência do(s) seu(s) filho(s) na escola?

- (A) pelo boletim
- (B) por informações do próprio filho
- (C) telefone para a escola
- (D) envio e recebo recados
- (E) não acompanho
- (F) outros. Quais? _____

10) Como você se sente quando vai à escola?

- () Todos os membros da escola (direção, professores e funcionários) recebem bem os pais e procuram resolver os seus problemas
- () Somente alguns membros da escola recebem bem os pais
- () Os membros da escola são, em geral, pouco ou nada receptivos e acolhedores com os pais
- () A escola é totalmente grosseira e não recebe bem os pais

(Caso deseje fazer alguma observação, utilize o verso desta folha).

Profª Drª Débora Cristina Fonseca

Caroline Polido